

PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO

TRUÍSMOS E CURIOSIDADES

Otis e a sua música de mississippi e georgia para as horas de solidão com os altares de todos os sofrimentos no esplendor sábio de uma pequena demonstração que nos torna estupidamente revoltados com o que somos e com o que poderíamos ser visto que não é o sol nem o mar a origem deste tão fodido mal-estar mas talvez o que gostaríamos de ser e não somos por vários motivos sem interesse nem necessária visualização uma vez que estamos todos de acordo que temos que fazer alguma coisa para vencer a fuga dos sentidos ou das más digestões estas coisas importantes que habitualmente nos esquecemos de mencionar mas que são tão verdadeiras como um cravo de papoilas num luar principalmente se esse luar é antigo e barato para que possa ser frequentado pelo povo dos hospitais da minha paróquia sem a brevidade de uma visita frugal e imorredora para todos os séculos nesta europa de frustrações umas atrás das outras calcinada por guerras de burburinho e desespero com marmelada para vender aos pretos de áfrica e das regiões não cristianizadas pela hedionda monstruosidade de uma fé pequenina e virgem saída das entranhas megalómanas de um esperto que desejava a eternidade ao compasso de feras e mostrengos-pecados sem um olhar como se a definitiva história de um mundo ainda por fazer fosse tão simples como poderia parecer ao princípio visto que até hoje os homens ainda não fizeram nada de decente salvo as construções de manicómios para os grandes e duas ou três construções mentais que não desvendam os mistérios mas apaziguam e desmentem a razão humana

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

SILVA CARVALHO

TRUÍSMOS E CURIOSIDADES

PARTE I

TRUÍSMOS

Otis e a sua música de mississippi e georgia para as horas de solidão com os altares de todos os sofrimentos no esplendor sábio de uma pequena demonstração que nos torna estupidamente revoltados com o que somos e com o que poderíamos ser visto que não é o sol nem o mar a origem deste tão fodido mal-estar mas talvez o que gostaríamos de ser e não somos por vários motivos sem interesse nem necessária visualização uma vez que estamos todos de acordo que temos que fazer alguma coisa para vencer a fuga dos sentidos ou das más digestões estas coisas importantes que habitualmente nos esquecemos de mencionar mas que são tão verdadeiras como um cravo de papoilas num luar principalmente se esse luar é antigo e barato para que possa ser frequentado pelo povo dos hospitais da minha paróquia sem a brevidade de uma visita frugal e imorredoura para todos os séculos nesta europa de frustrações umas atrás das outras calcinada por guerras de burburinho e desespero com marmelada para vender aos pretos de áfrica e das regiões não cristianizadas pela hedionda monstruosidade de uma fé pequenina e virgem saída das entranhas megalómanas de um esperto que desejava a eternidade ao compasso de feras e mostrengos-pecados sem um olhar como se a definitiva história de um mundo ainda por fazer fosse tão simples como poderia parecer ao princípio visto que até hoje os homens ainda não fizeram nada de decente salvo as construções de manicómios para os grandes e duas ou três construções mentais que não desvendam os mistérios mas apaziguam e desmentem a razão humana o que vem provar que tudo está para ser feito quer queiramos quer não debaixo de um sol que nunca nos viu nascer mas serve de inspiração a poetas falhados que não passam da mediocridade que a vida e os malditos deuses de escrúpulos impuseram sem pedirem licença ao miserável último a saber que geralmente é o infeliz cornudo da ciência e das filosofias para o entreter de damas menstruadas ou professores gozados pela vida uma espécie de revolta ou vingança para quem a vida caga descaradamente ou não fosse ela a vida e o resto pequenos cagalhões que

justificam e consolam os homens de quase todas as idades excepto os jovens que são burros ou objectos automáticos e só sabem comer dormir mijar e poucas coisas mais excepto talvez chatearem os pais que em dia de estupidez e de desprevenção deixaram uma gota de esperma chegar onde nunca deveria chegar e depois foram dizer às igrejas que sim senhor desejavam aquele filho quando o que eles verdadeiramente desejavam era a bendita foda e o resto são tretas ou má língua que o tempo passa e nós vemos a chegada extravagante das andorinhas e teimamos que não que não são andorinhas mas tarrotes como se isso fosse muito importante ou permitisse que pudéssemos atingir aquela maturidade que quase todos desejamos excepto eu que não desejo coisa alguma a não ser qualquer coisa para sobreviver sem saber porquê mas sobreviver principalmente agora que os homens são loucos e não fazem um chavo para morrer por um ideal sem ideal ou por uma mulher que nos abrisse as pernas mas hoje já ninguém vai em fitas e ninguém deseja morrer por uma simples e complicada mulher que as há aos centos embora eu esteja só e não conheça nenhuma salvo a minha mãe pelas forças das circunstâncias que senão nem a minha mãe que não presta para o que eu quero e o que eu quero todos têm obrigação de o saber ou então são uns parvos que não ouviram a lição de freud esse gajo que me incomodou quando não devia incomodar numa época da minha vida em que tinha obrigação de ser jovem e não o era sem saber ao certo porquê porque essas coisas nunca sabemos ao certo temos apenas uma vaga ideia muito diluída pelo uso que fazemos às nossas divagações metafísicas agora tão pouco em moda porque não é de homem o perguntarmos para onde vamos ou de onde viemos visto que é desnecessário para o pobre poder comer higienicamente sem escorbuto ou doenças venéreas que são sempre chatas e deturpam a natureza humana essa natureza que anda muito por baixo porque já descobriram que não é natureza mas sim realidade e os homens ficaram todos felizes por se saberem realidades embora fiquem muito surpreendidos por ainda morrerem agora que são realidades e tudo

se torna opiparamente indecente e de má-fé para a argúcia da mente humana que tem feito muitas coisas menos deixar de ser mente o que não permite que se levante a voz em qualquer sessão pública principalmente em dias como os da nossa época em que todos temos o direito e a liberdade de dizermos disparates e obscenidades a todas as horas o que já não é mau e é até bestial o que não impede de sofrer uma noite inteira um desgraçado que não sabe o que fazer da vida e masturba o que não sabe ao compasso de um violino estranho olhando para as estrelas antigas como a angústia de sermos sem uma possível visãoação de algo que o não atormente principalmente agora que está na cama sem uma mulher ao lado para fazer amor com a imbecilidade de um breve animal com cio e com a sífilis para ser vendida no mercado mais próximo como faziam na idade média os vendilhões que adoravam cristo e desejavam louvores aos astros que não compreendiam nem poderiam compreender porque quem julga que um dia poderá atingir a verdade só poderá ser um homúnculo ou um verdadeiro homem que não o louco na sua demência sem ser demência porque é a velha lucidez de outrora que já perdemos corrompidos pelo andar dos séculos e séculos amém e ao pai também por que havemos de esquecer o pai se ele existe assim como existem piolhos e chatos a todos os momentos sem sabermos porque tu sabes o que é difícil e o resto não sabes porque não vês e o que vês achas que não tem importância alguma porque se tivesse importância tu acharias que não tinhas possibilidades de ver porque só os deuses podem fazer certas coisas e o resto é treta demagógica dos fraternais oradores da uberdade e não me venhas dizer que está tudo bem ou tudo mal porque nada está a não ser e com muitas reservas esta comichão nos tomates que me vem incomodando tanto como as perguntas angustiosas que os filósofos levantam à esfinge do tempo um tempo enlatado para consumo pessoal um tempo para deitar fora depois de usado o que revela uma civilização europeia cheia de traça e inovações monstruosas de desconfiança que todos sentimos diante das coisas novas mas nada é novo novo tudo é igual debaixo de aparên-

cias mais ou menos brilhantes que chegam a iludir a ingenuidade dos homens porque tu sabes que hoje não há um Homem mas muitos e incomodativos homens que nos chateiam na rua com uma opacidade incongruente e sem razão ora voltamos ao princípio quando eu dizia que estava só numa casa deserta muitos antes de estar só e com os objectos aparentemente adormecidos a saírem dos casulos para nos incomodarem com a agressividade de que não suspeitávamos mas sentimos principalmente se estamos sós e os homens não gostam de estar sós é só isso que eu sei e muito mal porque há quem diga que a solidão é um mito de megalómanos que não sabem o que fazer do gozo de viver como numa noite em que os dentes raivam

27-4-68

2. Felizmente que os versos se fazem com palavras e dores de cabeça e não com o sangue como já disse alguém que suponho presumido e imbecil homem que nasceu para mistificar o homem sem o respeito devido pelas palavras as tão denegridas palavras essenciais e plenas mas sempre fora da lei por dizerem coisas que causam mal-estar e levam um indivíduo a meditar o que é indecente e sujo porque todos sabemos que somos livres e ninguém nos pode obrigar a pensar com ou sem consentimento de entidades divinas visto que os deuses segundo se diz são mortos e eu acredito porque sou e sempre fui um ingênuo e sempre acreditei nos outros mesmo quando sabia que estava sendo levado não por mim mas pelos outros pois acho que devemos ser compreensivos não paternais principalmente com a juventude que não gosta de conselhos porque se acha já adulta suficiente para fazer as asneiras habituais que os mestres reputam de arte de bem viver muitas vezes sem nunca terem vivido mas vegetado o que não é a mesma coisa ou eu penso que não é a mesma coisa porque eu falo sempre no particular no individual porque não gosto não sei porquê de generalizar acho que era a mesma coisa que dizermos que todos os homens têm uma piça grande quando afinal isso não é verdade embora não se compreenda bem porquê mas temos que nos limitar ao que compreendemos isto é a nada porque e pelo menos eu não compreendo um corno de nada desculpem a minha falta de conhecimento mas é um facto o não gostar de estudar e que me custa muito muito meter merdas e merdinhas na cabeça só para dizer que sou doutor quando não me interessa nada ser doutor mas temos de viver tu sabes e compreendes e para viver é preciso um canudo ou qualquer coisa do género ou muito mais chata que temos de engolir para mais tarde o tempo vomitar da memória mas isso é uma coisa de somenos diante da história que temos o dever de construir com as nossas lágrimas e fodas para que o futuro que está imbecilmente nas nossas mãos não nos julgue muito asperamente e saiba compreender os nossos dislates que não foram por querer mas devido à sombra de uma fatalidade impiedosa e cega que não poupa

nem nunca poupou ninguém e ainda existe para nosso mal e quem sabe remédio porque tem umas costas muito largas que aguentam com muita coisa e isso parecendo que não já é bom que nos perdoem os futuros homens porque o que nós somos ou pretendemos ser são os estupores que ainda não são que vão saber muito objectivamente com todas as tramas que agora estão camufladas o que é ridículo e sem sentido mas o que querias mais senão isto tu se já tiveste alguma esperança em fazer alguma coisa embora eu pense que é necessário o fazer-se alguma coisa mesmo que só para passar o tempo senão estamos condenados completamente condenados às masturbações diárias que cansam e não dão resultado porque são demasiado ténues e inconsistentes e porque podemos construir velhas coisas que já foram sonhos e agora podem ser realidades fulgentes vigorosas metafísicas e mordentes o que vem facilitar a tão usada e rebuscada ânsia do homem sôfrego e esfomeado por substanciais imodéstias de projecção para o infinito que nunca foi infinito mas sempre e exigentemente finito ou então estou errado o que me surpreenderia muito visto que é no vinho que segundo se diz ou segundo disseram os antigos está a verdadinha que todos conscientemente ou não almejamos para podermos dormir confortavelmente debaixo das nossas preocupações transcendentais e desumanas ou pelo menos excruciantes e téticas embora não seja nada disso porque assim seria tudo demasiado fácil e pelo testemunho de uns quantos tudo é difícil excepto claro está fazer amor que isso é sumamente agradável nos dias de hoje em que uma bomba de hidrogénio ou atómica tanto faz espreita todos os momentos de loucura humana para se vingar de hoje ser alguma coisa que não existia pacatamente há anos e eu acho que a bomba tem muita razão a culpa não é ou não deveria ser dela ou se é dela mea culpa peço desculpa de todas as baboseiras que não são baboseiras nem nunca o foram porque sentidas no cerne do inexistente para gáudio de todos os moralistas das esquerdas porque também como na política há na moral direitas e esquerdas embora muita gente não dê por isso porque coitada é extremamente burra e

não aprendeu a ler nas entrelinhas a chave de muitos problemas que causam não só cefaleias como uma certa indisposição que não me atrevo a dizer porque não sei nem gostaria de saber por mim e por todos vós que viveis aéreos de todos os escarros e futilidades sem vos preocupardes com o destino do mundo e muito bem porque não sereis vós que vivereis o próximo mundo mas os vossos filhos que foram tão extremosamente criados e malcriados porque todas as crianças são terrivelmente irrequietas ou safados doentes sem forças ou vontade para serem irrequietas essas crianças que vos enterrarão com pompas e civilização para dar nas vistas dos vizinhos e porque se deve um último respeito com os coitados dos progenitores que prodigalizaram sacrifícios e más situações para que o menino vingasse isto é crescesse sadio e respeitoso dos seus ancestrais deveres para que o futuro seja como já disse benevolente e compreensivo e não chame nomes feios aos papás como é o caso de certos depravados que não estão contentes com a vida que lhes deram como se os pais pudessem fazer mais o que não podiam todos concordamos com isso salvo esses desgraçados ingratos e mal agradecidos que não sabem ao certo o que querem e fazem tudo para desfazer o que todos acham bem feito que neste caso são os bebés de todas as mães que souberam muito facilmente trazer os filhos ao mundo agora que há processos de parto sem dor e muito menos baratos mas quem é o marido que em nome do amor vai recusar a entrada da mulher numa clínica especialmente construída para a felicidade de dar à luz com ou sem a vontade do que vai nascer porque e eu compreendo é humanamente impossível pedir o conselho de quem não existe até aí eu percebo e concordo mas não acho certo se me permitem ou não porque é assim que penso e a vossa civilização ordenou-vos a respeitar os pensamentos dos outros por mais disparatados que sejam diante da vossa maneira de ver os problemas mas já é um considerável avanço para o nada o que fazeis e continuais fazendo que eu sinto que se pudesse fazer o que fazeis também o faria embora de maneira diferente como é óbvio ou pelo

menos me parece óbvio não sei qual é a vossa sincera opinião sobre o assunto o que quer dizer muito embora não saiba o quê mas isso é para outra ocasião em que me encontre mais depressivo que já não exijo momentos ditos alegres porque não sei o que é isso quer acrediteis ou não para meu gáudio uma vez que me sinto diferente de vós e isso é estupidamente bom e se quisesse ser sincero diria muito timidamente que sou indubitavelmente um homem mas não me sinto um homem o que não quer dizer que me sinta deus não disse isso nem pretendo dizer foi só para não levantar equívocos e para amanhã eu não pensar que fui muito burro quando fiz esta sensacional revelação confessional porque só não a achará sensacional ou altamente filosófica um estúpido que nunca leu conceitos de filosofia ou não percebe nada das recônditas estranhezas das profundidades humanas cheias de janelas e bafios atávicos que não podemos perlar nem e sequer soprar para outras plagas onde não incomodassem ninguém longe e muito longe da multidão de todos os dias e de todas as épocas embora eu saiba perfeitamente que o século XX não permite um sindicato de fantasmas visto os fantasmas não necessitarem de reivindicações ou coisas do género por que lutam agora e muito bem os homens embora eu saia enfastiado desse prosaico lugar comum de hoje que consiste em ser homem do meu tempo quando eu gostaria piedosamente de não ser de tempo algum.

27-4-68

3. Não sei se a chuva tem alguma importância no que eu sinto mas é um facto que está a chover e eu estou a sentir e não deve ser por um acaso assim tão gratuito senão tenho a impressão que todos desanimar-nos-íamos diante desta coisa tão banal que é sentir ao mesmo tempo que chove e não me venham dizer que não que não tem importância alguma pois sendo assim eu digo bolas para tudo isto e hoje confesso um tanto ou quanto surpreendido que não me apetece dizer bolas mas compreender o mais possível para que não tenham muita má impressão de mim os meus contemporâneos ou coetâneos ou coevos é tudo a mesma coisa embora eu não saiba porquê e embora eu gostasse de saber porquê não sabendo muito bem porquê mas o homem é assim ou eu julgo que é assim gosta sempre de se meter onde não é chamado como uma banal regateira que deseja avidamente saber o que se passa na casa do vizinho para ficar ciente de que se passa a mesma coisa que na casa dela para não se julgar menos que os outros porque pelos vistos é mesmo assim ninguém tem a coragem de se sentir menos que os outros o que é tremendamente aborrecido e monótono é por isso que eu não me importo de ser menos que os outros mas infelizmente não o posso ser como seria do meu gosto visto que sou um indivíduo que se acha diferente dos outros com provas que não sabe dizer aos outros e por isso mesmo é medianamente vaiado que os outros não têm o atrevimento divino de irem até aos extremos como eu vou um tanto ou quanto inconscientemente o que prova a minha inocência e a minha superioridade mas os outros não gostam de se sentirem burros não sei muito bem porquê mas acho que deve fazer parte do próprio homem o pensarmos que somos os melhores em tudo quando não passamos de um zero à esquerda é o que é mas que posso eu fazer senão sofrer as consequências do que está errado sem me poder defender do ridículo de ser superior aos outros porque é insofismavelmente ridículo haver homens superiores uma espécie de aberração da natureza muito mal exposta e deturpada porque não seria eu quem faria uma coisa destas assim tão sem sentido só de facto

a natureza pai e mãe de todas as coisas que não de mim porque eu sei muito bem quem são os meus progenitores ou penso que sei porque de vez em quando julgo que não tenho pais mas sou espontâneo o que me causa uma certa e pouco determinada vertigem e me deixa absorto ou melhor não me deixa nada como se não existisse ou melhor ainda não é isso mas o que é eu não posso dizer com muita pena porque era a altura de dizer qualquer coisa sem importância mas quando chega a altura é sempre assim as palavras não chegam para nada e nós ou pelo menos eu não sei dizer o que sinto para meu mal e meu bem porque existe aí uma ambivalência que dá a grandeza e a miséria ao que sou e ao que todos nós somos afinal não vos quero excluir do que eu sou para que não me venham dizer que sou um fútil egoísta sem dó nem flores na lapela como já me culpavam a mim que ninguém excepto eu tem o direito de culpar porque estou muito longe de qualquer moral tivesse nietzsche existido ou não porque nunca tive ou pelo menos agora não tenho o complexo de originalidade e sei que tudo foi ou vai ser dito mais tarde ou mais cedo quer tu ou eu queiramos ou não porque estas coisas fogem à nossa vontade para nosso ou pelo menos meu bem senão estava desgraçado não saberia como poderia viver sem esta chance ou esta hipótese parece-me que é assim que agora se diz e eu quero estar na moda para ser um indivíduo da minha tão famigerada época de mentiras e enganos mas isso é outro assunto e eu quero propositadamente incorrer no vício metafísico porque sou um homem viciado no pecado de ser o que os outros não podem ser sem culpa deles é certo a mãe e a avó natureza é caprichosa e digamos sem temor um tanto ou quanto imbecil mas os homens dizem que é bom que seja assim caso contrário tudo seria sumamente monótono mas isso é para os outros porque acho que a monotonia é tão bela como um jogo de futebol à chuva com milhares de homens a contraírem constipações por uma gratuidade isso sim é extraordinariamente belo é por isso que não gosto de futebol e é por isso que os meus coetâneos não me chupam nem à ponta de um caralho o que

me seduz e ao mesmo tempo me desespera porque é bom termos quem nos ouça a dizer disparates mais ou menos disparatados e com uma certa lógica porque todos os disparates como vós sabeis perfeitamente são lógicos e belos porque são coisas que eu não sou capaz de fazer ou dizer o que me perturba as noites quando não sei se devo dormir ou fazer que durmo porque é mesmo assim e então começo a pensar no que poderia ter feito um espectáculo para a minha imaginação e angústia mas desculpem se digo uma coisa destas porque actualmente os homens não gostam de ouvir estas palavras não sei porquê ou melhor eu sei porquê mas não digo porque não quero estragar as vossas digestões de domingo ou de qualquer outro dia de semana porque sei que não devemos importunar as pessoas com disparates essenciais e pronto não se fala mais nisso voltemos ao novo problema da vida que é o seguinte um homem está uma manhã inteira na cama sem saber o que fazer e à tarde vai ao hospital falar com um médico e fica a saber que existem doentes ou doenças ou melhor só doentes segundo nos afirma a prática e a experiência que não é para aqui chamada e então voltamos para casa e não compreendemos o nosso corpo e queremos ou desejamos falar ou conversar humanamente com ele e para nosso desconsolo não recebemos resposta e assim compreendemos que o nosso corpo é malcriado e desobediente e não podemos dar-lhe uma coça porque nós somos também o nosso corpo e então ficamos pedras de espanto ao descobrirmos que estamos à nossa mercê mas não é bem à nossa mercê porque o corpo é só um pouco do que nós somos porque nós somos muito mais ou estamos condenados a ser muito mais porque inventámos um espírito que nos diz que também somos um corpo e então bolas porra para tudo isto mais uma vez está provado que isto está muito mal feito e eu não sei como realmente deveria ser ou acho que não deveria ser mas isso é impensável estou agora parece-me a mim num problema filosófico que tem dado muito que fazer aos filósofos e até aos não filósofos de cátedra porque segundo me disseram todos nós somos filósofos à nossa maneira o

que é um truísmo mas o que não é um truísmo ora digam-me lá para eu saber porque realmente gostaria muito de saber como por exemplo o que aconteceu à primavera que me disseram que já chegou e eu ainda não vi nenhuma primavera e depois não querem que me pense muito burro quando não vejo o que pelos vistos é evidente aos outros que acham tudo evidente até a própria evidência quando eu vejo aí algo de errado algo por desvendar mas talvez os homens tenham razão e digam que eu não fiz ainda nada de decente quando eu acho que sou o único que faço algo de decente porque não faço nem nunca fiz nada e a decência está no nada que não se faz porque se se fizesse estávamos todos fodidos isto tornava-se uma grande merda sem possível visãoação e era como eu dizia se estes gajos que chegaram a casa não me viessem incomodar mas devemos ser indulgentes com a juventude senão estava tudo perdido ninguém se entendia e seria bastante chato e depois diriam que as guerras existiam por minha culpa e eu isso não quero tenho muita pena mas não gosto de genocídios aqui ou além nem que me venham acusar de demiurgo ao contrário quando não sou nada ou sou um nada ou isso não importa porra deixem-me à vontade com as vossas perguntas estúpidas sirvam-se à vontade como nas casas dos outros que nas vossas casas nunca vos servis à vontade porque tendes as vossas mãezinhas que são muito picuinhas e estão sempre a fazer perguntas que não merecem resposta de ninguém e muito menos de vós que já sois uns homenzinhos e desejais a paz para fazer o nada o que não é assim tão fácil como se diz por aí porque se fosse assim tão fácil ninguém faria nada e a verdade não é essa porque a verdade está num casulo que ninguém dá por ele porque os deuses são mesmo assim gostam de muitas brincadeiras mas quando chega a altura de se falar a sério põem-se em aspas e adeus profundidade e outras coisas mais o que é necessário é não fugirmos à superficialidade de todas as coisas e dizermos que tudo foi desvendado há muito tempo ainda não éramos nascidos é a história que nos diz nos compêndios feitos pelos homens de outras eras que se refugiavam na história para fazerem a

história deles que deveria ser banal e sem grande importância mas eles não se aperceberam disso e agora quem se lixa são os alunos das escolas a estudarem o que eles nunca serão nem poderiam ser mesmo que quisessem o que suponho ser muito estimulante mas com a sua pontinha de estupidez afinal como todas as coisas e nós não queiramos ser assim tão esquisitos que os nossos filhos não nos possam compreender com um certo carinho porque nestas coisas é preciso muito carinho quer queiramos quer não caso contrário adeus esperança no que fomos e no que fizemos a vida não vale um chavo mas todos a querem comprar não sei bem porquê mas desculpem-me a culpa hoje não é minha eu gostaria muito de vos dizer coisas importantes e acima de tudo construtivas.

28-4-68

4. Se queres ser feliz não inventes esperanças é por isso que hoje sinto um inquietismo longo e estranho que não sei definir e penso que toda a causa do nosso mal-estar foi em inventar o intangível colaborando com os deuses cruéis e sádicos que inventámos para nos sentirmos únicos no que ninguém mais poderia fazer para podermos dizer que somos homens com um orgulho que se fundamenta na dor de sermos homens como se com isso resolvêssemos o que verdadeiramente nos aflige de forma inequívoca que é o estarmos diante de uma parede nua mas activos estáticos e indolentes mas sofrendo uma incompreensível dor que nos ilumina mas que também nos queima e corrói para gáudio das nossas fúteis pretensões de nos dessentirmos quando algo de inefável aparece e nós não sabemos o que responder porque não há resposta e se a há nós não a conhecemos ou conhecemos muito mal ou só visceralmente o que não adianta nada diante da nossa preocupação em sermos sempre lúcidos porque um racionalismo francês nos aconselhou muito antes de termos nascido mas quem o pode dizer ao certo por vezes julgo-me tão velho como os livros dos filósofos iluministas e tão recente que ainda não me atingiram os que atingem agora os escritos iluministas o que me faz chorar lágrimas de terra e pranto ou nada disso porque hoje todos sabemos que é muito difícil chorar mormente os que já choraram tudo o que tinham a chorar com as pancadas que os nossos pais nos deram para a nossa educação futura e para se descontraírem de um dia chato de trabalho sem uma aventura pelo meio para ser contada aos amigos que nos esperam no café com novidades recentes e ainda mornas e então nós desesperamos porque nos exigem muito porque se também não trazemos nenhuma anedota somos acusados de pretensiosos ou de lunáticos que andam muito por cima homens cobardes que abandonaram os irmãos no tédio sem a coragem de terem uma ténue esperança para o dia seguinte para e pelo menos colaborar na ilusão de que ainda não fizemos tudo de que ainda há muito para fazer basta chegar a ocasião propícia e eficaz porque actualmente não podemos cair no logro dos antepassados que pensa-

vam que as coisas se faziam levianamente como se fazem os filhos às sopeiras melhores de físico que as patroas e então chegamos a um café e dizemos que trazemos em nós uma ideia fantástica um projecto por fazer para estupefacção dos vindouros que julgar-nos-ão simplesmente sublimes dizendo parece impossível o meu avôzinho naquela época descobrir ou inventar tão extraordinária ideia sem as máquinas que hoje possuímos como nós dizemos dos nossos antepassados brilhantes e saídos do nosso meio querendo dizer com isso que é preciso uma longa e fétida estrumeira para que qualquer borboleta vingue debaixo de um sol de maldições e zangas que as igrejas e as doutrinas estabelecidas não admitem porque não se deve fazer nada sem o consentimento de deus ou dos deuses é uma falta grave como a do desgraçado e vitorioso prometeu que foi subtilmente imbecil em trazer aos homens essa ideia esdrúxula a que chamamos esperança sem cuidar de saber as futuras funestas consequências que prodigalizaria aos homens e é por isso que a vida nos parece chata e monótona quando ela não é nada disso é muito simplesmente ou muito dificilmente e basta de um tão grandioso arrazoado porque não era isto o que devia ter dito mas sim que um desconhecido inquietismo longo como uma cobra de todas as áfrias e esperto como todos os filhos da mamãe entrou dentro de mim e não quer sair mas também não era isto o que queria dizer pois não é um banal e usual inquietismo o que sinto mas qualquer coisa de muito próximo mas ainda diferente como vá lá um parainquietismo ou um epiinquietismo ou nada disto porque não sei ao certo o que é embora não duvide que é e dói como nunca me doeu alguma coisa até hoje o que não quer dizer que amanhã não venha a sofrer uma dor que não é bem dor muito maior e vulnífica do que a que não sei muito bem se sinto agora porque estas coisas não se dizem por impossibilidade mas eu julgo que nós temos medo que não é bem medo de dizer ou confessar a nós mesmos o que sentimos porque se eu digo irrefutavelmente que está sol ou chuva por que não poderei dizer o que não duvido que existe ora essa seria um tremendo dispa-

rate e eu não cuido que a vida minha e vossa seja assim tão disparatada porque costumamos falar muito em coerência e outras coisas parecidas e se falamos é porque essas coisas existem caso contrário estávamos a enganar-nos a nós próprios o que eu não posso nem devo acreditar se quiser como quero ter confiança nos homens de todas as épocas até das futuras que vão achar estas minudências variavelmente graciosas mas sumamente estúpidas porque nessa altura não me é difícil de pensar que tudo será tão difícil como hoje embora o problema da fome e da guerra esteja há muito resolvido mas o que não invalida que os homens continuem a perguntar e a tentar responder porque a coisa mais difícil que a civilização poderá conseguir será incutir aos homens que a esperança não tem razão de ser e não é necessária para se poder higienicamente morrer com grandes cuidados de eficiência e bem-estar se isso for humanamente possível porque senão é aborrecido e estulto exigirmos impossíveis o que eu nunca farei podeis ficar descansados mas e acima de tudo isto o inquietismo que não é inquietismo persiste teimosamente como tudo o que persiste e eu estou um tanto angustiado por não saber como me livrar dele se realmente existe e eu não estou a mentir o que não seria a primeira vez na vida de um poeta depois que um poeta disse que o poeta é um fingidor e tudo leva a crer que sou um poeta ou então a lógica e a sensibilidade são uma grande merda para entreter os intelectuais de meia idade que ainda não conseguiram mudar o mundo com os seus livros que marcaram uma época segundo dizem os homens que vivem na sombra deles isto é os críticos mas não é por ser um lugar-comum que deixaria de dizê-lo porque a literatura está a necessitar urgentemente de milhares de lugares-comuns para podermos dizer aquele lugar-comum é melhor que esse outro visto que está escorado por uma estética e profundidade que o outro não logrou atingir e assim todos ficamos a saber de antemão ou muito rapidamente quem são os génios para prestarmolhes as honras que são devidas a todos os génios com estátuas de palavras que não de vida porque a vidinha é muito muito mais compli-

cada que a descoberta de genialidades ou eu cuido que é muito mais complicada o que não quer dizer que tu penses o contrário embora não deixes de ser néscio e burro porque podes muito bem perceber de livros e palavras e tirares negativas na cadeira vida como tiraram e continuam a tirar muitos e bons escritores que reduzem os homens a uma fórmula por demais acomodatória embora se considerem demiurgos e irmãos dos infelizes que inventam porque entre um homem muito bem descrito num livro e um homem da rua vai a distância da palavra e a palavra parecendo que não é muito embora haja quem não lhe dê grande importância o que eu acho muito bem embora duvide de mim quando digo que acho muito bem porque seria como vocês já se aperceberam uma contradição que atiraria abaixo ruidosamente todas as palavras que vivifico e porque os homens nos livros por vezes são mais homens que os de carne e sangue porque há e eu sei que há homens que de homens só têm a verticalidade e uns olhos imbecis o que vem confirmar o que vagamente sinto isto é que uma espécie de inquietismo devora o que sou e o que poderia ter sido caso não vos importeis porque ninguém gosta de saber que é desnecessário e que não adianta um milímetro ao mundo porque todos nos achamos com o direito de sermos filhos de um ente que criamos para isso mesmo para justificar o nosso viver de incompreensão e sem sentido e nisto os homens foram extremamente hábeis e sages o que demonstra o facto de alguns pensadores se julgarem deus ou um deus muito particular e caseiro com muito boa vontade de destruir o mundo para depois criá-lo com os mesmos deslizes e incongruências mas com a assinatura debaixo no papel selado para provar a todos os outros que é deus e que por conseguinte tem privilégios especiais como matar o parceiro por uma gratuidade dizendo que foi mandado pela voz interior que o inspirou ao crime que automaticamente deixa de ser crime porque não é permitido ao deus por ele próprio o cometer crimes que neste caso serão vontades fatídicas e irreparáveis que os mortais não conseguem compreender porque a mente humana é bastante limitada

e não pode aflorar a gravidade de situações que fogem completamente a tudo o que estávamos habituados e por isso mesmo construímos templos de preces e ranhos para pedirmos ao porquê que não atingimos que seja menos cruel e que venha cear connosco que será bem recebido com as melhores iguarias que jamais foram preparadas em casa e com o serviço de mesa para sessões muito raras e especiais como de vez em quando os nossos pais oferecem aos patrões ou gente ínclita para podermos sossegadamente afirmar que somos pobres mas limpos e que a limpeza é como outras coisas mais uma virtude de bons homens e isso é o que todos desejamos ser.

28-4-68

5. Valorizar o dito superficial para depois não termos dores de estômago ou de cabeça como acontece aos que dividem a vida em positivo e negativo profundo e epidérmico importante e sem importância porque para mim a tua fala é tão importante como o conhecimento profundo da existência porque depois de uma acurada discussão civilizada tu sentes fome e vais comer duas sardinhas ou um azedume de ervas e frustração por sentires-te rebatido pelo adversário que tu sabes que o é embora digas que a conversa não passou de uma troca de impressões sobre as essências que enlutam o homem essências essas que não teriam razão de existir se a superficialidade que alardeamos as não subentendesse porque o necessário é vislumbrar no aparentemente banal aquilo que resta e nos edifica ou melhor aquilo que nós somos como a espuma do mar que não é mar mas a sua ou quase sua evidência ou vá lá a sua prova irrefutável e irrefragável gosto não sei porquê desta palavra que tem vários sinónimos mas que não deixa de ser sempre empregue por beckett esse homem que como dizia ou devia ter dito ou pretendia ter dito atinge o recesso do que somos ou de uma parte do que somos através da quase inutilidade das palavras e situações comezinhas como se a profundidade fosse um mito porque não vejo razão alguma em não vomitar num romance ou num livro para que havemos de limitar as possibilidades humanas os acontecimentos insulsos de uma conversa de café com todos os pontos mortos todas as hesitações e tergiversações e todos os deslizos de linguagem que não se atrevem a ser deslizos porque são nós isto é fazem parte e não só parte do que somos se realmente somos e não andamos a enganar-nos uns aos outros mas cuido que sim que realmente não tenho dados para negar o homem como ser existente e depois aparece um crítico a dizer que há razões que justificam que um homem seja contra o homem mas que todo o homem que consiga evitar essa bília é um grande homem que soube buscar no quotidiano senão uma justificação pelo menos certos momentos de prazer ingénuo e seráfico quando o prazer nunca é ingénuo ou se o é então eu nego to-

do o prazer que não consigo extirpar à vida porque a vida é mas não sei como é escapa-se sem darmos por isso e então nós dizemos ou já alguém disse vivamos intensamente e eu não sei o que é viver intensamente porque não sei porque não sei embora gostasse muito porque o intensamente como palavra dá uma ideia muito esquisita ou não dá como se nos atirássemos de um penedo para o mar num mergulho raivoso e ao mesmo tempo cheio de uma certa vitalidade a que não estávamos habituados e então eu pergunto diante de uma rosa murcha que já foi viçosa por que razão nas escolas não se estuda o absurdo isto é por que não fazemos do absurdo uma cadeira como a lógica ou a matemática para que achássemos tudo o que fosse absurdo sem importância alguma como não achamos ou eu não acho importância alguma à lógica e à matemática mas era bom chegarmos junto de um colega e perguntarmos quanto tiraste a absurdo e então ficaríamos a saber se éramos maus ou bons alunos a absurdo e depois sim talvez diante de uma rosa ou defronte a um poente nós pensássemos que tudo era banal e nem sequer ligássemos grande importância como o que acontece com um tossir que dizemos sempre que é sem importância e então sim talvez eu começasse a viver só e simplesmente a viver dizendo aos outros eu vivo como agora eu não digo porque julgar-me-iam um louco ou um filho de deus e isso não desejo ser porque quem sabe se nós não somos o que os outros desejam que nós sejamos ainda ninguém me provou o contrário e isto deveria ser terrivelmente provado caso contrário ficarei sempre na dúvida quer dizer quase sempre porque o sempre tem muito que se lhe diga e eu sinto repetir-me constantemente e isso é insuportável ou melhor é suportável porque o suporte mas chateia e não me deixa dormir mas felizmente aparece um génio consagrado pelos que não são génios mas gente medíocre e diz-nos que a repetição de uma determinada coordenada ou obsessão é apanágio da genialidade e então fico muito mais descansado comigo mesmo o que não impede de ainda não conseguir dormir mas o que é isso diante do que me espera milhares de anos a ser considerado génio

por gente medíocre que dirá grande cabeça a daquele homem tinha a estesia à superfície da pele quando o que mais desejava era dormir em paz como outrora quando chegava a casa cansado de fazer nada e me atirava sobre a cama sem ter tempo de pensar o que tinha feito o que não era muito mas nós estamos condenados por tudo isto e principalmente pelas forças das circunstâncias a fazer alguma coisa e agora penso por que razão falo tanto em fazer não será por um último complexo que estou a engendrar eu que adquiri os complexos muito depois da infância porque na infância só adquiri uma soma de anos para me poder considerar um adulto e então sim algo se insinua ardilosamente dizendo-me que nunca fui criança o que me deixa frouxamente espantado e condoído porque é indecente e arbitrário nascermos e começarmos logo a sermos homens porque todos têm o direito de serem uma vez criança para depois recordarem o que foram quando não tiverem mais forças para outra coisa e por isso mesmo eu nunca deixo de ter consciência de que estou como que a fabricar ou a construir o meu passado o que poderá espantar muita gente que não a mim já estou habituado à minha grandeza que consiste em perceber que não sou grande ou não tão grande como os outros homens desejariam para se sentirem bem dispostos e subitamente felizes que é afinal o que interessa hoje em dia depois de séculos e séculos de disparates que infelizmente ainda cometemos e não admito que não se sintam culpados dos disparates cometidos pelos outros porque então porra onde o humanismo que vendemos no café quando estamos no café esse antro de congeminações que não ultrapassam o aborto mas que é subtilmente mirífico e frondoso porque é aí que suspeitamos da nossa inutilidade e é aí que dizemos porca de vida ou merda mas baixinho para que ninguém nos ouça e se nos ouvem dizemos que não dissemos nada que bocejámos e perguntamos arrogantemente se já não se pode bocejar num café ou até arrotar más disposições e aborrecimentos porque a liturgia do café é mesmo essa embora os parzinhos de namorados digam que não que também serve para nos olharmos nos olhos uns dos outros

ou nos do nosso amor e eu respondo por que não se me dizem que o amor existe e é belo e o causador de estudos anacrônicos mas mordazes de schopenhauer esse terrível homem que tanto amo só pelo nome e por saber que tinha uma mãe dissoluta ou como dizer de costumes fáceis o que devia ser angustiante nessa época porque hoje tudo é permitido mas com outros e camuflados nomes para que a censura não corte e não seja obrigada a esforços inúteis e depois eu sinto que a minha época é fundamental como sentiria o troglodita na época dele porque todas as épocas são mais ou menos fundamentais porque sem essas épocas não existiria a minha época assim o diz e muito mal a história mas temos que nos baixar diante de sumidades que examinam e devoram o passado de poeira e amarelo para nos podermos compreender melhor que é o que todos queremos embora eu não compreenda muito bem mas não devo dizer ou insinuar isto caso contrário serei aleivosamente apodado de reaccionário e isso é demais para mim que não me sinto capaz de exercer esse honorável cargo demais pesado nos nossos dias que eu já todos o sabem sou muito mas muito preguiçoso embora a minha preguiça seja diferente da vossa porque é diferente disso não tenho dúvidas mas não posso dizer o porquê porque desejo obrigar os críticos profissionais a raciocinarem de vez em quando para que possam mais honestamente usufruir o título de críticos profissionais ora depois de todo este pensamento que não atinge o pensamento chamam-me para comer mas eu não vou e então pergunto-me o que me retém aqui e eu não sei nem posso responder porque estou demasiado ocupado com gratuidades mas desconfiemos sempre disto porque cheira a esturro que não é da sopa mas talvez da última fábrica construída no mundo o que não quer dizer que seja ou pretenda ser universalista porque o universal está no particular disse-me outro dia alguém que não me lembro mas julgo demasiado acertada esta afirmação o que não quer dizer que esteja errada por estar demasiado acertada mas a culpa não é minha mas da educação que me deram ao dizer que a verdade está sempre no meio o que não percebo mas não importa

por que se eu pretendesse saber ou compreender tudo o que desconheço estava o mundo lixado comigo não haveria professores para empanzinarem a minha fome de compreender embora se diga por aí que tudo é simples basta ver com olhos de ver mas isso não compreendo eu embora saiba que os olhos não servem só para ver mas e por exemplo para galar uma miúda uma tarde inteira ou para excitar um homem quando estamos na cama a fazer amor de suor e burburinho morno porque é morno não sei se têm dado por isso ora eu não gosto de coisas a meio pau o que quer dizer que prefiro gritar com todos os dentes e morder com toda a raiva esta ânsia de ver na mulher um poço fundo de sofrimento e níveo carinho para as horas se metamorfosearem em esperma e anquilose de sofreguidão e lágrimas ejaculadas sem se saber porquê mas que podemos fazer ao que somos senão sendo.

1-5-68

6. Uma dor de cabeça tem que ser aproveitada para significar alguma coisa de concreto senão corto a cabeça que não serve para mais nada senão para dizer-nos que somos doentes ou enfermiços ou o que tu quiseses porque estou a falar muito a sério estou farto disto mas mesmo farto e não me admiraria muito se amanhã aparecesse o meu nome nos jornais em caracteres garrafais por mais um incompreensível suicídio porque temos que convir que o tempo não está propício para essas frivolidades de meninos mimados e tarados mas eu sofro e não sei por que sofro-sofro sem imagens poéticas ou blandiciosas eu sofro qualquer coisa que não mereço mas um qualquer coisa que me deixa sossegado e bem disposto mas o que dizia eu para me dar ao trabalho de estar a escrever porque eu estou a escrever não sei se já se aperceberam e isso é terrível quando podia estar a fazer qualquer coisa de maior utilidade para os homens porque eu gostaria muito como já o tenho dito muitas vezes de ser útil mas não me peçam coisas que não posso nem sei fazer porque então eu sinto prostituir-me e vejam lá isso já é alguma coisa e então eu teimo que não que não posso de maneira alguma prostituir-me e que ninguém deveria ter esse direito de o fazer porque eu estou cansado estou mesmo cansado apetece-me fazer um não sei o quê de diferente mas eu sei que não há nada de diferente e então eu sucumbo entre o que sou e o que não posso nem nunca poderia ser porque o que eu queria não existe mas se não existe como posso eu desejar uma coisa inexistente e eu não percebo uma bóia de tudo isto e sofro sem saber ao certo porquê o que transforma o que sou se sou mesmo num destroço ou num monte de merda ou num ovo ou melhor na clara de um ovo mas não é isso porque eu sou eu sei que sou não me digam o contrário porque seria mentira eu sei que sou perdoem-me mas sinto-me cansado terrivelmente cansado sem justificação e depois aparece uma dor de cabeça como esta que estou a sentir uma dor-dor sem mais nada uma dor-dor-dor que já não sei se é de agora se de sempre porque como o poderíamos saber se não sabemos nada mas eu sei algumas coisas eu sei que sei não duvido nem nunca duvi-

dei eu sei que tive pais e que vou morrer eu sei como se estivesse agora diante da estranheza das estrelas e perguntasse por que existo mas isso não tem importância eu não gosto de metafísica embora eu saiba que sou a metafísica e isso angustia e náuseia e não sei que mais dizer mas foi bom que isto acontecesse para os homens saberem até que ponto podemos ir até ao fundo como costumamos dizer embora talvez fiquem descolhados por me ter reduzido à condição mais abjecta que um homem pode atingir que é o não saber o que dizer ou o que pensar mas eu posso estar eternamente limitado a ser isto que sou agora uma terrível e porca dor de cabeça que os médicos chamam cefaleiras ou cefaleias não sei bem mas que posso eu fazer senão esperar que isto passe que o corpo deixe de ser tirano porque o é e nós que nos dizemos corpo e espírito e sangue quando nós somos se realmente somos por que o que é ser talvez que esta pergunta quem sabe mas não posso mais escrever e sofrer é muito para as minhas forças e eu sou um débil um aparentemente forte mas um débil na mais restrita ou mais lata acepção da palavra mas que palavra disse eu eu ainda digo e falo com uma dor de cabeça como esta mas então tudo resiste depois da bonança todos os pecados que o corpo inventa são quase como necessários não sei por que lógica mas inopinadamente necessários e suficientes ou as duas coisas ao mesmo tempo o que não deve ser muito porque já vi coisas piores que nunca chegaram a ser coisas porque não pertenciam ao reino das banalidades fulgentes e quotidianas mas não me digam que nunca se sentiram torneira de despejos ou balão em noite de farra e vinho agri-doce porque todo o vinho tem dois espíritos o espírito do vinho e o espírito de quem bebe o vinho mas isso não quer dizer nada diante desta tão festejada e mal cheirosa dor de cabeça que quase me estrangula digo bem porque sinto um travo que não chega a jugular-me mas que foge a todas as coisas acostumadas uma dor de cabeça cheia de nada uma dor de cabeça de sábado de compras no hospital da cidade uma dor que já não sei se é de cabeça porque algo se transforma imperceptivelmente algo de tentacular e uniforme uma

espécie de interstício que não dá passagem a nada qualquer coisa de incomodativamente só qualquer coisa que se insinua mas não mostra a face e por isso eu chamo-lhe covarde covarde covarde mas não chega isso não chega é preciso qualquer coisa mais qualquer coisa de muito mas muito mais qualquer coisa de divino ou infernal o que é a mesma coisa porque não existe mas eu sofro eu sofro eu sofro e vocês não se iludam eu quando digo sofro não estou a fazer poesia sofro mesmo ou mais do que mesmo e deve ser por isso que alguns homens não gostam de mim por fazer poesia da dor de ser da vida que me devora incompreensivelmente por não abordar outros temas poéticos mas que posso eu fazer senão falar do que sinto quando não sei o que sinto se é isso o que sinto e mais nada porque tudo seria fácil se macerasse e não deixasse marcas ou estigmas ou ferretes ou o que tu quiseses porque seria tudo demasiado fácil e viver é estúpido disse-me um amigo outro dia quando eu acho que nós é que somos estúpidos por não sabermos o que é viver mas eu não posso discutir porque a dor de cabeça não me deixa e pelo contrário sufoca-me extraordinariamente e eu deveria estar contente com o que me está a suceder porque é isto o que desejo por outros raciocínios e por outras palavras mas talvez não seja isto talvez não hoje acordei não sei como e estou não sei como o que é terrível terrível mas não demasiado porque consigo sobreviver e até na dor há uma sublime mediocridade que não suporto mas que desejo ou não é bem isso mas queria dizer que se sofro demasiado temo o sofrer um pouco mais demasiado o que seria o fulminante nada isto é a morte ou o decesso ou o passamento tantas palavras para dizerem a mesma coisa mas talvez tudo esteja certo talvez uns tenham de morrer através de uma morte outros por intermédio de um decesso e outros por um passamento lembro-me agora das diferenças sociais e acho ridículo que tenhamos todos de morrer de maneira diferente porque é um facto embora os pobres digam que só são iguais aos ricos na morte o que não é certo como ficou já demonstrado ou talvez seja certo com o que ficou demonstrado incipientemente mas isso não justifica a

mediocridade do momento porque indubitavelmente é medíocre e mesquinho mas estou a estragar tudo porque nada é mesquinho salvo evidentemente o que é mesquinho mas não se importem com o que digo porque uma dor de cabeça justifica tudo ou deveria justificar caso contrário algo está mal e isso é grave é preciso modificar o que nos atormenta levando ao barbeiro mais próximo para modificar a face do que nos atormenta porque mais não poderemos fazer tenho muita pena mas é mesmo assim e senão é então mudem com coragem eu gosto muito da coragem principalmente aos sábados e domingos porque nos outros dias já estou aborrecido e desejo a cobardia para variar porque é mesmo assim eu sou um verme ou um homem como quiserem que se cansa depressa muito antes de ter razão para estar cansado mas que podemos fazer por mim senão chorarmos ou negarmos simplesmente que sou um homem mas qualquer coisa de muito parecido aquém ou além mas isso já não importa porque é superficial tomarmo-nos muito a sério porque vocês nunca se acharam ou sentiram vagamente ridículos e grotescos piores do que uma árvore que periodicamente engravida ou pior do que um porco que refocila onde lhe dá prazer que não é ridículo porque é porco ou árvore e nós somos os homens isto é algo que sabe que é e está o que vem estragar ou glorificar o que somos porque é muito mais bonito termos consciência da nossa existência e sabermos coisas que os animais e os vegetais nem suspeitam nem podem suspeitar porque não são se nós quisermos que eles não sejam porque estão debaixo das nossas arbitrariedades e então eu pergunto eu que sou homem e sei que o sou por que raio tenho uma dor de cabeça e vem um médico e diz-me que os nervos estão interrompidos que o simpático não é tão simpático como dizem e que há coisas que não podemos evitar porque fogem ao nosso poder e então eu exclamo teatralmente convicto porra assim não brinco mas continuo a brincar porque ainda me continuam a dizer que a vida tem certos atractivos que justificam e apaziguam a existência e então eu espero esses atractivos com a mente não sei porquê numa boa mulher mas e depois de comer uma

mulher o que me resta fazer senão esperar que outra coisa povoe a minha experiência e somos sempre assim até que um dia quer queiramos quer não vamos mesmo com o choro da solidão ou da família que não pode fazer nada senão chorar e nós sentimos uma certa raiva de carinho pelos que a esta hora estão a nascer porque logicamente serão os últimos a deixarem de ser o que não é nada consolador embora afaguemos os cabelos dos nossos netinhos com um certo orgulho para nos sentirmos uma espécie de necessária velhice protectora dos desvalidos dos jovens que coitados não deixaram a imbecilidade quando nasceram antes pelo contrário parece que a adquiriram nessa altura e então eu pergunto se uma dor de cabeça tem razão de existir e eu digo que sim uma vez que existe embora não diga que goste de a sofrer porque isso seria demasiado desumano e eu não quero escandalizar ninguém embora bem fundo eu esteja brevemente contente com esta dor de cabeça.

2-5-68

7. Nunca foi tão necessário como hoje esta troca de impressões com o leitor que sem dúvida lê com uma certa curiosidade com fastio estes desengonçados arremessos de sensualidade nauseabunda porque o são se ultrapassarmos a capa da primeira vista que não é por si só enganadora mas que podemos fazer senão testemunhar o raciocínio dos velhos caquéticos que nos viram pulular sem consciência e sem vontade mas não vou falar agora da adolescência ou da infância porque sou ainda jovem não duvidem e quero antes pensar nas mulheres que servem para o desanuviar deste gostinho que nos incomoda todos os dias em que não nos masturbamos mas as camisas de vénus são engenhosas e funcionais como este entardecer sem sol porque não o vejo estou na janela virada para o nascente e é natural não dar pelo passamento do sol mas estava eu a pensar o que é raro e cansativo mas quando não penso também o meu não pensar é cansativo e perguntava por que razão se fosse pintor apanhava este esquadro de pés de ramos da árvore da frente sem nome porque não o conheço o que é uma verdade vergonhosa porque um estudante deveria conhecer todas as coisas mas talvez nunca tivesse dito que sou estudante eis uma verdade de que me esqueci por minha e só minha culpa de mencionar por incúria sem dúvida mas agora já posso dizer com toda a honestidade que ando em medicina porque tinha que andar em alguma coisa e ando em medicina porque não gostava ou tinha medo dos números e não me atrevi a seguir a carreira de engenheiro como era do gosto da minha avó e hoje estou como que arrependido por não a ter tentado porque assim faria a vontade dessa minha avó que me dá cinquenta escudos por mês e me aconselha a estudar para alcançar aquela posição na vida que todos desejamos se não somos imbecis mas eu que não o sou ou julgo não sê-lo não gosto de estudar nem de ser estudante porque dá a impressão que aprendemos alguma coisa o que é falso pois ainda não aprendi nada de importante e embora saiba o que é um osso e tenha o atrevimento de descrever o frontal isso desculpem-me dizer sem rodeios não é nada porque eu gostava de ser bailarino

mas só uma pessoa que não me conheça achará verosímil esta confissão e muito bem mas devo ser lúcido e compreender que o meu corpo gordo e enxundioso e feio como as mais feias e detestáveis das coisas não serve para a ginástica nem para a harmonia dos saltos e peripécias rocambolescas que gostaria de praticar ao som de música portuguesa se a houvesse porque me disseram que éramos maus em tudo e eu que não sou português porque não o quero ser fiquei aborrecido e falei-lhe de uns jovens que procuram nessa arte que me estraga os dias de tédio e por isso eu a abençoo que uns jovens parece-me que era o que dizia mas já não sei o que estava a dizer estas falhas da memória outro dia perguntei o que era a inteligência e não me souberam dizer eu fiquei enfurecido porque todos têm a obrigação de o saber caso a demência não seja um facto colectivo o que seria de espantar mas eu já me habituei ao esquipático de tudo e de todos e de todas as coisas o que não é nada agradável nem aconselho a ninguém mas há sempre quem se finja de prometeu e depois eu gostava de saber qual o motivo para ter trazido à liça o prometeu um gajo que nunca vi mas de quem só ouvi falar e não quero que vejam nesse símbolo alguma interpretação da minha pessoa porque eu não nasci para ser interpretado mas para viver e é isso que procuro assiduamente com uma raiva que não é de homem porque é minha e eu sou um homem eu sou um homem parece impossível mas é verdade peço que não se assustem com a revelação desta verdade mas eu tinha que a dizer porque me senti ao contrário de sempre na obrigação moral de vos dizer a vós que comprastes este livro que deitareis fora ou na secretária ou na biblioteca privada para quando chegar a casa um amigo vos perguntar por que raio te deste ao trabalho de ler este gajo que não chega a ser poeta porque não passa de um homem vocês dirão que a capa despertou-vos a curiosidade e a curiosidade é a mãe de todos os dislates mas foi bom conhecer este espécime que não conheceis do dia a dia porque é muito difícil conhecerem-me do dia a dia porque me calo mas quando chega um momento como este eu vingo-me que não é bem

vingar porque seria infelizmente incapaz de uma acção dessas mas este mundo é grande e eu não vos quero maçar com a minha falta de carácter porque só tem carácter quem nunca pensou na vida um minuto que fosse porque depois de termos pensado nela tudo se esvai e ficam apenas as esporras das nossas ilusões mas o que é necessário é não nos desvincularmos da realidade e eu pergunto porquê mas quem pergunta está automaticamente a desvirtuar os propósitos da realidade porque isto é mais difícil que todas as construções metafísicas e todos os sistemas filosóficos ou não que enxamearam as almas dos homens para secarem neles essa velha luz de esperança que se perde todos os dias no roçar com as outras vidas e no roçar com a nossa vida.

8. Acordar de doze horas de sono ininterrupto sem insónia ou sonhos confrangedores que vitória para a minha caderneta de soldado engajado na vida e na vitória da humanidade que está constantemente a ser surrada sem aquela mínima piedade que podemos exigir aos homens de boa vontade mas é compreensível que assim seja porque a humanidade é mais uma abstracção que nos ilude nos nossos respeitos para com o homem esse primata com dois olhos embutidos numa face de pedra ou de mármore com os dedos esfuziantes de tentações capazes de asfixiarem os poetas que cantam as torpezas deste mundo mas o mundo felizmente para nós tem ainda coisas aproveitáveis e a natureza humana é boa e todos dizemos que confiamos nela o que quer dizer que não confiamos em nada porque hoje pela primeira vez na história dos homens sentimo-nos isolados de tudo não só do deus que assassinámos mas também da natureza que confundimos com as nossas ambições de civilização e construção do homomundo que os primitivos das cavernas preconizaram com a constituição da família e de outros succulentos tabus que enlameiam este e outros mundos mas diante das estações do ano eu pressinto a marcha do tempo que passa e então viro-me para os olhos da terra e pergunto o que foi feito da tua beleza e do teu seio maternal tu que apaixonaste poetas e aedos do antanho tu que abandonaste o homem e o deixaste só tu que cobarde preferiste ficar na incompreensão dos nossos sentidos plasmados na visão das estrelas tu que estás perto e longe eu não te perdoo eu não te perdoo eu não te perdoo porque sou magnânimo e inteligente e só os imbecis em preparação humanística farão tudo para não te sepultar mas hoje não precisamos de ti porque temos cidades e porcaria nas ruas e temos fábricas onde a geração dos homens se joga todos os dias e temos belas construções de cimento armado e de betão e estradas de macadame e de piche e vamos para a praia ou para o campo nas férias que fruímos periodicamente para fortalecermos a saúde e este desejo em não sucumbir depressa quantas batalhas os homens não ganharam quantos prélios sem dó nem piedade vieram confirmar a su-

perioridade da nossa vontade quantos sonhos mesquinhos e funcionais foram o nosso coração de ânsias e sofrimentos mas vencemos fica sabendo natureza que vencemos e somos fortes como os raios que tu vomitas e somos ágeis como nenhuma inteligência das tuas águas ou mares porque tivemos a ousadia de te olvidarmos para seguirmos os nossos caminhos pejados de sensaborias que não o são verdadeiramente porque tudo o que é nosso é belo e bom e quem disser o contrário é um inimigo do homem mas hoje já ninguém é inimigo do homem porque matámos os deuses e só eles tinham razão em ser nossos inimigos cruentos e implacáveis mas vencemos eu te digo com este calor de raiva e de amor que vencemos essas superstições e embora tivéssemos ficado sós não damos por isso porque temos amigos que nos esperam no café e confiam na nossa palavra e essa é a maior conquista de todos os tempos o nós dizermos uma coisa e o nosso amigo acreditar porque a inocência é o paradigma da superioridade das nossas acções e tu nada podes fazer contra a nossa ousadia porque estás à porta da morte inválida para te defenderes mau grado esta nostalgia que por vezes atraiçoa o homem mas isso é humano temos que nos aceitar assim sem pesadume e sem desconfiança para levarmos avante este nosso sonho que se realizará em cada um de nós que é o de voltarmos em espírito ao paraíso onde nunca vivemos mas que inventámos porque podíamos inventar e porque era bela essa invenção que não se atreve a revestir a capa de um idealismo mas define de modo inequívoco que sempre procuramos o bem e hoje em que tudo fazemos para o conseguir eu estou perfeitamente contente com isso porque estamos em vias da maior realização de todos os tempos que é a da integração da fraternidade nas relações do homem com o outro homem independentemente de línguas ou de cútis ou de preceitos e isso é horrorosamente belo e fantástico como eu exulto de alegria virgem e nova porque os nossos sentimentos vão-se renovando já ninguém olha para um rio ou para uma árvore com o à-vontade de outrora porque estamos no começo de darmos importância a tudo e não pos-

so exprimir o que sinto porque é inexprimível porque foge ao que sou e é mais do que sou porque é uma invenção minha e todas as invenções são mais do que o homem porque são o que o homem tem de bom e admirável em si e não posso deixar de chorar diante deste acordar de esperanças que apaziguam este meu hábito que nunca foi derrotista mas sempre foi lúcido porque eu tinha e tive razões para proceder assim porque sofri o que os outros gozavam e só quem sabe o que é isso poderá dar valor ao meu sofrimento.

9. Quanta volúpia no meu pensamento sem razão e provocado para a descoberta de algum ponto obscuro na minha personalidade de temores e risos asquerosos que no café ou no cinema envergonham as pessoas que estão ao lado porque são a imagem ou o reflexo de uma animalidade que o homem reprime com toda a força no coração que coitado não tem culpa nenhuma mas nestas coisas quem sofre é precisamente o que não tem culpa alguma o que obriga a semente do ódio e da discórdia a proliferar em campos que pareciam adormecidos mas tudo se remedeia quando na hora lúdica os nossos perdigotos inconfessáveis saem ejaculados para o vazio da atmosfera e então sentimo-nos muito mais purificados já não digo recém-nascidos porque seria indecente não sei se topam com essa indecência mas ela existe que eu não minto ou minto sempre o que não é a mesma coisa mas depois de uma sessão de nudismo em livros pornográficos eu sinto-me enojado com esse espectáculo que não é degradante nem imoral mas profundamente de mau gosto e inestético mas na nossa juventude quantas vezes o onanismo não fazia parte diária dos nossos sonhos de aventuras com mulheres que eram levemente putas ou debochadas para excitarem os nossos sentidos mas e como já o disse alguém tudo cansa e essas masturbações também cansaram e agora o jovem vai à procura do outro sexo faz brincadeiras para o atrair e é assim desta maneira prosaica que nascem os amores que tenho medo de dizer os grandes amores mas nesta matéria nunca há grandes porque o amor não tem escalas métricas nem bitolas excepcionais e as tardes de marmelango a que chamamos roço sucedem-se dias e dias e também cansam e quando se quer avançar a mulher diz que não que ainda é cedo e promete-nos um não sei quê que nos fascina por ser desconhecido e depois do casamento depois da lua de mel depois das deliciosas divagações eróticas eu pergunto onde está o prémio prometido e diante do olhar da parceira notamos que esse prémio já foi oferecido e que essa parceira já não tem mais para dar e vamos solitários pela

estrada das nossas dúvidas dizendo em voz baixa que fomos enganados estupidamente mas sem culpa de ninguém e depois um hábito já está a exercer o seu domínio e pronto caímos na rotina que sempre detestámos e dizemos em voz baixa para não sermos ouvidos os nossos pais tinham razão quando se riam do nosso amor porque o mesmo aconteceu com eles mas por que não o disseram por que não impediram este disparate e percebemos então que foi por vingança mas não queremos julgar assim porque são nossos pais e temos uma caterva de preconceitos sobre a família e voltamos a casa de cabeça baixa e a mulher pergunta-nos se já não gostamos dela e nós choramos e dizemos meu amor meu amor meu amor fugindo de dizer tudo para podermos continuar na vida de que nunca gostámos mas a capacidade de adaptação aos eventos é inumana e o tempo passa e nascem os filhos que nós vagamente detestamos porque são mais novos e depois a nossa mulher envelhecida vem dizer-nos que o rapaz mais velho já tem namoro com a filha do vizinho que é boa rapariga e nós só queremos o bem dos nossos filhos está bem eles podem namorar e um dia chega a casa o filho com a futura nora e nós sorrimos quando somos apresentados e a nossa mulher chora duas lágrimas sinceras e diz lembras-te e nós lembramo-nos com um carinho que também é sincero e para nos sentirmos importantes damos meia dúzia de conselhos que sabemos que não serão cumpridos e talvez seja por isso que temos a veleidade de dar conselhos e os nossos filhos partem em viagem de núpcias e depois quando regressam perguntamos sois felizes e eles dizem que sim que são felizes e nós sorrimos com duas lágrimas nos cantos dos olhos até que um dia aparece o sonho da criança com prostitutas e aventuras que a vida nunca nos proporcionou e a nossa mulher começa a achar-nos estranhos pergunta-nos o que sentes para andares tão deprimido e nós com os olhos demasiado abertos por um espanto fingido dizemos que tudo está bem e que a nossa missão foi cumprida e que agora chegou a altura de nos despedirmos de tudo porque mais tarde ou mais cedo partimos é uma questão de tempo e quando

atingimos aquele ponto para nos considerarmos avós pegamos nos netinhos e dizemos quem sou eu e o bebê sorri enternecedoramente com aquele olhar que não é humano mas bovino e numa tarde de sossego e de aragem suave sentimos um aperto na garganta e dizemos eis o fim e logo chega a companheira de todos aqueles anos mais solícita do que nunca que te ampara até ao leito de morte dizendo que vai chamar um médico para eu sossegar mas eu digo que não vale a pena incomodar-se que a minha hora chegou e antes de morrer faço um pedido extravagante que é o seguinte coloquem as minhas mãos enclavinhadas sobre o meu sexo como se a protegê-lo da terra.

PARTE II

CURIOSIDADES

Sair de casa para a rua não é nada de anormal.
Eram oito horas da noite no meu peito e na atmosfera
quando resolvi, entre duas ideias a mais,
fitar o crepúsculo de um dia ventoso e calorento.
O espectáculo banalizado pelo hábito de contemplar
a natureza não me desiludiu sobremaneira:
sempre preferi um consolo sabido e fértil
a uma esperança com possibilidades de insucesso.
Na rua, que não se apresentava com aquela face
do normal, talvez porque não tivesse chovido,
talvez porque o vinho que bebi ao jantar fosse mau,
caminhava indolentemente os meus passos
para a aventura que de antemão sabia acabar no café.
Mas uma vizinha de olhos nem verdes nem vermelhos
– eu diria que eram de uma cor lilás e férrea,
se não existe incompatibilidade de qualquer espécie –
sorriu para um cão preto que não é meu nem do vizinho,
talvez sem dono e por isso livre como os pássaros
que nestes últimos tempos enxameiam os redores
aéreos, não passou despercebida, como seria
de esperar, ao meu fastio de quase todos os dias.
Claro que a metafísica da rua onde habito não é banal,
está eivada destes tijolos que não o são, mas destes
calhaus de cor azul pardo cujo nome desconheço, cheios
de uns pigmentos zarcão por onde um rego de um veio
deixa transparecer a origem telúrica destas pedras.
Um par de namorados com uma média de vinte anos
de idade, ele sem o atrevimento de a abraçar, ela
com aquele ar angélico das superiores meretrizes,
percorre os passos que paulatinamente vou decalcando.

Um perfume misto de suor e de uma coisa pior
do que isso – mas há coisa pior do que isso? –
verruma as minhas narinas desopiladas e inebria-me,
eu suspeito de que um sentimento heterodoxo da vida
fugiu da minha sensibilidade em encontrões de raiva
e foi cair sobre as cabeças nunca inocentes deste par.
Apercebo-me da fealdade da jovem mulher
e estremeço com a beleza discreta do macho:
um suspiro que não é apanágio dos homossexuais
irrompe das minhas entranhas fumegantes
até fabricar a minha última ideia.

O café, na penumbra de uma atmosfera propícia
a divagações e bisbilhotices de mulheres sem afazeres,
convida-me a sentar na esplanada micro.
Peço um copo de leite sem moscas nem porcarias
microscópicas ao empregado que não tem respeito
por ninguém e espero. Confesso que esperar
não é bom nem mau. Mas é alguma coisa
porque me ocupa durante um certo tempo.
A mesa metálica e titubeante não se parece comigo:
é verde como dois automóveis verdes e fria
como a água do mar no atlântico norte.
Tenho a mão esquerda no sovaco direito.
A mão direita divaga canções ou sons sem ritmo
certo no tejadilho da mesa deserta e humedecida.
Atenciosamente, uma menina dos seus dezoito anos
não dá pela minha presença incomodativa e opaca.
Não sei como agradecer este gesto funcional
e pleno porque nunca me ensinaram as etiquetas
da boa educação. O copo de leite chegou.
Recebo-o cordialmente e com um optimismo

desusado, mas logo me arrependo: vem
demasiado esbaforido e eu não gosto de pressas
nem de respirações arquejantes. Vou engoli-lo
sadicamente para vingar-me do contratempo
que a sua vinda ocasionou na minha neutralidade.
São horas no meu relógio avariado e atrasado,
mas não suficientes para me sentir com o desejo
de partir e tomar o rumo do desconhecido.
O leite não está assim tão mau. Falta-lhe paciência
e uma pitada de bom gosto. Defeito de uma educação
proletária. Os olhos que me fitam sem interesse
de alguma espécie não servem para mais nada
do que a prospecção da inutilidade. Perdoo-lhes.
Um conhecido que não tem o atrevimento
de não me chatear puxa de uma cadeira e fala-me
intempestivamente do tempo. Digo que sim,
que não está frio mas que não está também calor.
Impacienta-se com a displicência da minha afirmação.
Mas como o conheço não lhe ligo demasiada
importância. Tem dois dentes salientes
que me fascinam e tão cheios daquele limo
que o tempo impregna às coisas: são tão belos
como um peido dos meus na minha cama.
Sofro este mal-estar de sossego e lusco-fusco,
mas sem mais ninguém sofrer. Estou só,
eis a verdade. Sobre as árvores que podiam ser
choupous uma nostalgia magenta aguarela
o poente montanhoso e o meu pensamento
pergunta aos finados de mais um dia se foi
necessária a minha vinda ao seio dos homens,
ou se toda a marca que burilo no ventre
da terra é improfícua e levemente obscena.

Mas a verborreia do meu companheiro
atinge o clímax com a dúvida sistemática
sobre os eventos diários, porque diz que se
uma galinha é estéril tudo é permitido, e se
um homem mata outro homem a lei é o sangue.
Um certo frio de uma sensação com açúcar e mel
percorre os nervos mesquinhos do meu forte
neurótico: uma folha de um ouriço do mar
ou de uma ave não causaria tão extraordinário
frémido no meu temperamento. Mas o leite acabou-se
desaparecido na caverna bucal e os vizinhos da mesa
vizinha discutem peremptoriamente o caso escandaloso
de um parto sem dor, sobrepassando neste velho
e mascavado zéfiro de opiniões uma ideia reaccionária
e bíblica, pegajosa como a goma, mais uma razão
para me deixar embarcar neste sono de opção.
Fico só mas rodeado de mesas e de estranhos seres
que em algumas coisas se parecem comigo,
essas semelhanças que não posso negar sem cair
no ridículo inane, com a vaga impressão de que sou
uma máquina fotográfica de um miserável fotógrafo
à la minute sem talento, que busca na vaidade
dos próximos do domingo um fosso onde ganhar
dinheiro sem costas vergadas sob o peso desmedido
de um suor de sol e de horas. E entre este estar
sentado e a memória do passado o interior intrínseco
da minha egoidade reparte-se egoisticamente
em favor das duas partes para a sinfonia
ambivalente de uma perquisição da realidade.
Um azul marinho de umas calças que um rapaz
veste recorda-me este esdrúxulo medo do céu
nos descampados, esta necessidade de me sentir

fechado num cubo branco para não me dispersar
com o à-vontade do meu instinto de cosmofagia
precursora do meu sentido no mundo. Um cabelo
acetinado que não se esconde da minha estesia
provoca no meu calor de sangue aos pulos
este gozo indescritível que auairo com ganância
e uma raiva em desferrar-me o mais possível.

Tenho o meu sexo grego na sua fealdade hispânica
dirigido para a fenda lasciva da lua disfarçada
em creme gelatinoso da matriz de cútis saborosas,
o meu sexo é o ponteiro de todos os professores
primários, a lua todos os desejos ainda não satisfeitos.
Temo que a monotonia desta hora sem companhia
real force o orgasmo da minha hiperestesia concutida
pelo vício, mas a face glabra de um adolescente
doentio esvaiu por completo o meu gostinho
de esperma para me concitar a imunização
de ataques narcisistas. Compreendo agora,
com a evidência de uma mentira sagrada,
que este estar no café sem o desconforto
de uma companhia representa o máximo
de experiência vivida pela natureza humana.
Um orgulho sem enrubescer esventra-me o ser
e caio nesse paliativo eubiótico de sonho acordado.

Um carro sem rodas e sem jeito de elefante negro,
coberto de uma pegada de dinossauro sem idade
definida, chega ao meu estômago em efervescência
de borborigmos para o concílio anual das resoluções
miríficas da urbe. Um certo senhor vestido de filho
de deus morto, órfão jactancioso no advento
de uma nova lei, sorri com os dentes demasiado
salientes de pássaro para as bactérias e ácidos
que circulam a praça pública. Senta-se numa tosca
cadeira de células fotoelétricas e espera o começo
do conluio.

A pé e descalça, entre uma multidão de população sem freio, a prostituta de todos os prazeres estupidamente restritos sobe, em dom de cortesã aplainada pela gordura dos ricos, o catafalco onde se implanta o falo ingente da corrupção. Traz dois olhos recentes e cobertos de patas de crocodilo, e, a realçar a cona, um espantalho minúsculo de aranhas venenosas. Enfita no medonho estertor da raivosa assistência com um sorriso sem dentes mas com broches de luxúria.

Finalmente a hora do último convidado não tarda, e com ela um uivo tonitruante de vozes colectivas aplaude desgraciosamente o jovem saído das entranhas da sabedoria. É alto como uma estátua de um megalómano descuidado, os cabelos de cintilações oliváceas e fesceninas, o pescoço com a elegância de um cabo eléctrico, o peito com a magnificência de uma cabana real, o ventre abaulado e versátil como uma quilha, o sexo com o inusitado fulgor de uma flecha certa, as pernas e os pés trepadeiras num vergel curioso. Levanta a voz em semicírculo e gesticula blandiciosamente para coarctar o estrídulo animalesco da facúndia imbecil que a filúcia do povo desprende sem o mínimo respeito.

Eu já estou entre correias de insinuações de ar esperando o julgamento da minha infâmia. Tenho o cabelo podado até à raiz e os olhos podres de tédio, um eflúvio pestilento sai

do meu hálito de lodo, o meu peito engendra
pêlos de diabólica comichão, o meu sexo
amarfanhado e insulso de estagnação concerta
em mim o veredicto da minha paixão.

Um homem com dois olhos brilhantes e agudos, ao sair do cinema, descobriu que estava a ser alvo de uma sombra incomodatícia. Apressou o passo para fugir deste pensamento com borbulhas e quando atingiu o fundo do seu cansaço das horas sem rumo, parou e esperou. Mas a sombra de inusitada transparência camuflava-se nas árvores e nos espaços em branco da memória sem princípio. Perturbado com o incidente chegou a casa e esperou o visitante, seguro de que estava metido numa conjuntura difícil, sem que uma saída... Mas a sombra estava aí: andou dois passos em redor e disse:

Por que fugiste de mim? Não sei, respondeu o homem de olhos brilhantes e agudos. Mas estamos tão habituados a fugir do mínimo pretexto que os nossos actos já atraíçoam a nossa vontade. Mas confesso que tive medo de ti. Não te conhecia e depois tu apareceste tão subitamente, sem um aviso prévio, sem nada, que temi a tua presença.— Escolhi esta noite para me apresentar ao homem que me esperava de há uns tempos para cá. Confessa que ansiavas qualquer coisa de extraordinário.— É verdade, confessou o homem. Sabes, a minha vida vazia e desenraizada buscava na esperança uma maneira de adiar o facto irremediável, todos os dias acordava com o ar esperançoso de quem vai receber uma visita, e hoje, tu... — Eu esperei a tua saída do cinema. Estavas entretido

com a hora lúdica, o teu espírito nadava
em águas de evasão, tu ocultavas o teu corpo
no teu riso aspérmico, as tuas mãos como gaivotas
sulcavam o espaço limitado da tua opacidade.
Mas quando lançaste o olhar sobre mim
e começaste a correr fiquei com a sensação
da tua cobardia que não conseguiste disfarçar.
Nunca fui cobarde ou demasiado cobarde,
disse o homem, para temer a tua presença.
Eu temo tudo tão intensamente que o meu sentir
tem um outro nome que não me atrevo a dizer.
Se fosse cobarde, nesse sentido restrito que
tu quiseste insinuar, seria talvez o homem mais
feliz da terra. Ser, eis o problema que nunca
escamoteei. Não me perguntes porquê. Nasci
como os outros homens, das entranhas quentes
e protectoras de uma fêmea, cresci como mais
ninguém. Nunca se é igual em alguma coisa
ingénita. A igualdade é uma construção humana
e por isso mesmo defectível. Mas tu que vieste
ousadamente borrifar nas minhas horas
de monotonia, que desejas de mim?
A minha vida? Ainda é cedo... Mas
nem sempre é cedo para deixarmos de ser.
Aparece noutra altura, quando dentro de mim,
definitivamente, as cinzas fizerem o pouso
mortuário e os meus olhos perderem o brilho
de agora. Vim porque tu me chamaste,
disse a sombra. E porque mais tarde ou mais
cedo tinha que te perguntar pelas respostas
que me deste. Fica e continua o tempo
no teu anseio de beleza e de vida. Aproveita

da melhor maneira o segundo, desfibra
o espaço, esventra os esgares da tua solidão.
Um dia, sem contares comigo, virei buscar-te...
Sim, disse o homem de olhos brilhantes
e agudos, farei o possível por edificar no tempo
a espada vitoriosa da minha angústia,
e com a força periclitante dos meus braços,
a minha marca de areia, para que o meu viver
não perturbe a existência dos outros.
Construir o véu que me libertará da nódoa
do meu nascimento, eis a máxima ingente
tarefa da minha preguiça. Por isso agradeço
a tua vinda e o teu aviso. A qualquer momento
e em qualquer hora, nunca estarei preparado,
mas é nessa displicência que sou mais homem.
Vai que já não tenho medo de ti.

Um homem, que posso ser eu, brincou durante uma hora com um insecto, e quando se aborreceu do martírio que infligiu sem malícia, começou a sentir nos pés e nos braços o fantasma desse bicho. Tinha os pés arborizados por uma penugem selvática e loira e nos braços de estrénuas massas de gordura hialina sobressaíam as borbulhas vingativas de uma peste em embrião. Com duas cuspidelas de uma saliva pegajosa e emulsionada em ar, o sonho de uma boa dormida depois do jantar esfumou-se em nada, e o homem brincalhão das horas da supremacia do tédio julgou ver na ameaça velada da sua pele o fim próximo com que não contava.

De supetão deixou a casa e foi à natureza vizinha da cidade. Fixou o céu esvaecido e levemente matizado de ocre vermelho, ouviu o sussurro das águas de um corgo revitalizado pelo rio, aproveitou o gorjeio das aves que circulavam pela atmosfera de cal e disse: – Nunca em tão poucos minutos vi tanto na minha vida.

E ao chegar a casa, depois de entrar no quarto em que vivia só, reparou admirado que as inflamações tinham completamente desaparecido. Então, virou-se para dentro de si e disse: – Para a próxima vez não sejas precipitado e não mintas para alcançares a felicidade. E deitou-se sobre a cama.

Noite de lua cheia, um silêncio no rosto, o homem acordou e viu dois olhos a fixá-lo através da janela. Tinham aquela cor de um entardecer mediterrânico e exalavam um odor astral de crisântemos e ervas secas. A íris desproporcional ou com outras proporções desconhecidas assemelhava-se a uma piscina de sangue menstruado em azeite. Uma substância pálida e de consistência oleosa abandonava o negro do fosso para cair paulatinamente no parapeito amarelo da janela do quarto. O homem levantou-se e cercou-se dessa gota fulgente como um raio. Tocou com uma leveza a que não estava acostumado essa excreção e levou à boca o dedo molhado da pesquisação volúvel. Um gosto de morte e de palavras sem sentido

atingiu a papila gustativa, imiscuiu-se pelo corpo numa desenfreada arrogância e alcançou os olhos demasiado xerófilos e apagados do homem. Ficou cego com a luz que subitamente resplandeceu, titubeou uns passos, sentou-se na cama e disse entre lágrimas de espuma: – O castigo sem razão é a pior coisa que os homens inventaram. E adormeceu.

Foram os passos de uma mulher ainda jovem que o acordaram. Ao ver as pernas brandas e dúcteis escondidas pela saia, o homem sorriu e disse: – Não preciso de consolo. E voltou à procura de um insecto. Passadas duas horas, deitado no leito, uma barata no circo dos lençóis, o homem dava ordens estritas à habilidade do novo bicho. Exauriu todas as possibilidades que podia sacar à distração, gozou os momentos de poder que uma vida lhe oferecia, souou no comando tácito das evoluções que o bicho cumpria. Depois matou-o e começou a chorar. A jovem perguntou-lhe o porquê daquela lamúria de soluços.

– A vida com os insectos é tão necessária e bela que me transformei num devorador de prazeres seráficos. O teu corpo, que tantos distúrbios causou na minha estesia, como reaparece insignificante e levemente a mais! Eu tinha o círculo da tua sensualidade, as palavras do teu intimismo, o deboche das nossas horas de prazer comum. Agora extraio de mim o prazer necessário à minha fome com a ajuda benevolente destes bichinhos. Que vitória a minha! Que grandeza a do meu viver! Trocava todos os segundos de êxtase e de revelação atávica por esta hora de aborrecimento com fim. Como a minha disponibilidade encontrou um emprego! Tragam todos os insectos meus irmãos para a carnificina universal.

- O que é que o senhor tem?
- Como?
- Perguntei o que é que o senhor tem.
- Mas o que tenho eu? Não sei! Alguma coisa de grave?
- Eu é que lhe estou a fazer essa pergunta.
- Mas como? Eu estava aqui, descansado, e o senhor aproximou-se...
- Perguntei-lhe o que é que o senhor tem.
- Mas não tenho nada. Que poderia ter eu de diferente?
- Então tem alguma coisa de comum?
- Sou vulgar. Sou um homem vulgar. Chamo-me Roberto. O senhor não se chateia?
- De maneira alguma. Roberto é um nome bonito e vulgar.
- O senhor chama-se?...
- Conceição. É isso, chamo-me Conceição. Gosta?
- É bonito. Tem graça: a minha mulher chama-se Conceição.
- Portuguesa?
- Sim, portuguesa.
- Ah...
- O senhor acha estranho?
- Mas de maneira alguma. Já conheci uma Conceição. Nunca mais a vi.
- Loira?
- Ruiva. Era sardenta.
- A minha mulher é loira. Tem uma pele imaculada.
- Quarenta anos?
- Não, tem vinte e cinco. É ainda jovem. Sabe tocar piano.
- De cauda?
- Sim, de cauda. Foi o pai dela que lhe ofereceu.

- O senhor tem pai vivo?
- Sim, alhures...
- Não se encontram frequentemente?
- Já não o vejo desde miúdo. Fugiu da minha mãe.
- Fugiu?
- Sim, desapareceu. Desapareceu com outra mulher, contou-me minha mãe.
- A sua mãe ainda é viva?
- E ainda jovem...Tem cinquenta anos. Mas está fresca.
- O senhor trabalha...
- Não, deixei de trabalhar depois que casei.
- Depois que casou?
- O dinheiro que a minha mulher ganha dá para os dois.
- Tem filhos?
- Não queremos filhos. É aborrecido. As crianças só dão que fazer. Depois, não gostamos particularmente de crianças.
- Dizem que as crianças...
- Sim, dizem...é possível que seja verdade. Mas não arriscamos.
- Eu gostava de ter uma criança. Não sei porquê. Para brincar com ela, talvez.
- Eu brinco com a minha mulher. Temos em casa uma mesa de ping-pong. E de noite fazemos amor. O senhor nunca fez amor?
- Nunca. Não acho isso digno de mim. É uma espécie de traição.
- Talvez o senhor tenha razão. Nunca dei por isso, pessoalmente. Eu gosto de fazer amor com a minha mulher. Sinto-me morrer. Melhor, afundar-me. É estranho.
- Eu conheci um dia uma mulher. Chamava-se Catarina. Tinha olhos verdes. Espertos, perspicazes. Quase devoradores. Conheci-a durante um dia. Uma tarde. Nunca mais a vi.
- Nunca conheci uma Catarina. Olhos verdes...A minha mulher tem

olhos negros. Mas também gosto de mulheres com olhos verdes. São, como dizer...mais cândidas.

– Depois nunca mais contactei com outras mulheres salvo as da minha família. Éramos doze irmãos, calcule, quatro rapazes e oito raparigas. A minha mãe morreu no último parto. O meu pai suicidou-se quando soube da morte de minha mãe. Disse que não podia viver sem ela.

– Todos nós somos mais ou menos órfãos.

– Sim, deve ser verdade.

– O senhor tem horas certas?

– São quatro.

– Ainda é cedo para o jantar.

Um jovem com cinco anos, cabeça grande e desproporcionada com o corpo, olhos esbugalhados, tez branca, caminhou durante cinco minutos em redor das mesas do café. Está agora parado, fixando um quadro que representa uma banhista camuflada com o vestuário do século XIX, tem a mão direita a raspar uma caraca do nariz, a mão esquerda gaivoteando as calças curtas de uma cor verde cinza. Os sapatos amarelos contrastam com as meias azuis.

Virou a cabeça, apercebeu-se de que um rapaz dos seus vinte anos estava a examiná-lo e baixou os olhos. Foi na direcção da mesa de uma senhora alta, sentada a fazer malha, pediu um beijo e sentou-se a ler um livro de aventuras.

Passados dois minutos levanta-se, dirige um esguardo em volta, caminha dois passos na pesquisa do rapaz de vinte anos, encontra-o com o olhar e vai ter com ele. Estende-lhe a mão direita. O rapaz aperta-a com uma certa frouxidão. Ficou a balançar os braços durante dois segundos. Depois o jovem de cinco anos pergunta qualquer coisa ao rapaz, que encolhe os ombros. Mas ele eleva o braço direito e aponta para a angra. O rapaz sorri e anui. Toma uma lapiseira e escreve num maço de papel costaneira. Mostra o que escrevinhou ao jovem. Sorri. O sorriso do rapaz é aberto mas afónico. Está só com o pequeno. A mesa mais próxima dista cinco metros. É a mesa da senhora alta que parou por uns momentos para olhar a angra. Mas o jovem pede a lapiseira e risca no fundo da página já usada um barco tosco. E aponta para a angra. Subitamente começa a correr em redor da mesa com as mãos a comandarem um hipotético volante. As bochechas distendem-se e formam uma espécie de chaminé. O jovem bufa com toda a genica. Parou. Deixou-se cair na cadeira. Olha o rapaz que fixa atentamente o caderno de papel costaneira. A mão direita do rapaz está sobre a testa, com um lápis entre os dedos indicador e médio. A mão esquerda

pousa sobre a tampa da mesa. É gorda e flácida. Sem proeminências de vasos sanguíneos. Rosada. O rapaz usa uma gravata ao pescoço. É preta. A camisa é branca. O fato tem uma cor especial, nem bem azul nem bem verde. Usa óculos de aros de tartaruga.

O jovem sai da mesa do rapaz e anda durante um lapso de segundo à deriva, depois dirige-se para a mesa de uma jovem de vinte anos. Levanta o braço esquerdo e faz continência. A jovem estende a mão a indicar a cadeira da frente. O jovem renui. Um gesto de impaciência da jovem que lê um romance de aventuras. Mas depois lança para a cadeira onde está sentado o rapaz um olhar comprovativo de que o seu gesto não foi notado. Tem uns cabelos negros. Uma fita branca nos cabelos, no cocuruto. Magra. Olheiras profundas e matizadas de um azul artificial. Cora. O jovem dá um passo em frente e considera. Aponta para o porto. Com a mão direita renui em largos gestos. A jovem sorri. Por um segundo enfita no rapaz. É correspondida. Soergue-se na cadeira apoiada no tampo da mesa vermelha. Veste um vestido preto. Ao sorrir de uma fala do jovem mostra uns dentes brancos mas imperfeitos. O rapaz que a observava baixou a cabeça. Mas levantou-a imediatamente fitando a angra ou um ponto muito distante no oceano atlântico. O jovem sai da mesa onde não chegou a sentar-se e volta ao centro geométrico do triângulo formado pelas três mesas mais próximas. Levanta o braço direito, aponta o dedo indicador para o porto e faz mira. Dá um estalo com a boca. Lentamente simula uma queda em espiral. Mas não se estira no chão. Repara nos sapatos e vai à mesa da senhora magra. Levanta a perna esquerda, titubeia, aponta o cordão do sapato. A senhora apoia a perna da criança no rebordo da cadeira e aperta o cordão. Depois, com a mão direita alisa os cabelos do jovem.

Quando o jovem se acercou da mesa vermelha da senhora alta a jovem fitou o rapaz que estava sentado na outra mesa e permaneceu estática durante um minuto. O rapaz quando descobriu que estava a

ser espiado lançou um olhar à jovem e permaneceu assim um minuto e meio. Depois, quando viu a jovem recomeçar a leitura colocou o rabo da lapiseira na boca e apertou-o com os dentes. São sujos. Perfeitos.

O jovem está a voltar as mesas do café, passando a mão direita pelos encostos niquelados das cadeiras. Chega ao balcão e soergue a cabeça para um copo de cerveja que está plantado no extremo direito do balcão. Uma mão suada, do empregado, levanta o copo, põe-no sobre a bandeja e leva-o à mesa do rapaz. O jovem durante toda esta operação coçou o chumaço da zona púbica, sem tirar os olhos por um segundo do conteúdo pegajoso do líquido amarelado. Depois encosta-se ao balcão e fala para o barman. Espera. Um copo de água aproxima-se, empurrado pelo barman, do bordo do balcão. O jovem vê. Lança a mão esquerda e segura o copo. Limpa a outra mão à camisola enquanto engorgita placidamente o líquido. A senhora dá com o jovem a beber e faz um sinal ao barman. O barman sorri.

Eram três homens. O primeiro, o segundo e o terceiro. O primeiro tinha uns dentes partidos e o cabelo ruivo. Chamava-se Isidoro. O segundo tinha dois olhos azuis e um pescoço demasiado comprido. Chamava-se Aníbal. O terceiro era burro como um soco. Chamava-se Espertalhão.

O primeiro disse: – Está calor. Está calor de um raio. Está calor como uma fornalha.

O segundo disse: – Está vento. Está vento do caralho. Está vento como um peido.

O terceiro disse: – Por que é que vocês não se calam?

Eram três homens. O primeiro tinha vinte anos e três meses e dois dias. O segundo contava vinte e dois anos menos um mês e meio. O terceiro tinha sem dúvida alguma idade desconhecida. O primeiro limpava o suor com um lenço vermelho todo sujo. O segundo fazia das mangas da camisa velha uma toalha. O terceiro suportava as circunvoluções de uma mosca atrevida.

O primeiro disse: – Não aguento muito mais tempo este tempo de tempestade.

O segundo disse: – Se isto continua assim estou verdadeiramente perdido.

O terceiro disse: – Parem de se lamentarem.

Eram três homens.

Passou uma mulher jovem de cabelos loiros e ancas coleantes. Tinha os lábios vermelhos como morangos. As pernas bem torneadas e maciças. Uma barriga abaulada.

– Boa mulher! – disse o primeiro homem.

– Comia-a toda! – disse o segundo homem.

– Passou uma mulher. – disse o terceiro homem.

Estes três homens conheceram-se por acaso. Viveram por acaso.

Morreram sem nenhum acaso. Mas quando chegou a altura de se fazer a certidão de óbito o médico escreveu: Isidoro morreu de fome. Aníbal morreu de sede. Espertalhão não tinha razão alguma para morrer.

Foi o único que praticou no fim da sua vida um acto de má-fé.

Estou numa sala. Num cubo. Num cubo imperfeito. Tem quatro paredes: uma virada para o norte, outra virada para o sul, outra virada para o poente, outra virada para o leste. A parede virada para o norte está nua. A parede virada para o sul tem uma janela na sua metade esquerda até dois terços da altura. A parede virada para o poente tem uma reprodução de um van Gogh no meio da sua metade direita, a dois metros do soalho. A parede virada para o leste está na sua quase totalidade coberta por uma estante até metade da sua altura. Estou à janela. Vejo o sol e os campos. E as árvores. E o verde. E o rio. E o vermelho acidulado do céu. Não vejo o vento, vejo as folhas das frondes em constante revolução. Ouço os trabalhadores a desmantelarem um prédio nas redondezas. E o gorjeio dos tarrotes. Ou das cotovias. Ou das andorinhas. Ou de todas essas aves e de mais algumas. Ouço os borborismos e a intermitência dos peidos que arroto. Ouço uma guitarra no quarto vizinho. Ouço os passos da empregada no compartimento superior. Os meus dedos apalpam e detectam as verrucosidades da madeira do parapeito. Dos meus cabelos secos e ásperos. Do meu pescoço. Do tecido das minhas calças. Tenho na boca o travo de uma solidão física. Da saliva sem necessidade urgente. Das bactérias miscigenadas com os interstícios dos dentes. Da acidez que sobe do estômago. Cheira a estrume o quintal. As folhas do limoeiro exalam um espectro de antigo. O fumo do cigarro abandonado no chão nauseia-me. O fedor do último peido faz-me sorrir. As cuecas sopram uma mixórdia de esperma e mijo. Estou no mundo.

Um amigo veio ao meu quarto e viu-me a escrever.
Leu o que escrevia e disse: «Isso é alguma coisa.
Mas precisas de trabalhar, porque os homens
da tua sociedade, infelizmente, não consideram
os teus versos produtos de um trabalho.»
Ora eu não concordo com o meu amigo.
Primeiro porque estas palavras não dizem nada,
segundo porque acho que felizmente os homens
pensam muito bem quando não consideram isto
um trabalho.

Eu quero ser o primeiro a revelar que não gosto
do trabalho, e que, se considerasse a poesia
um ofício, nunca mais teria a veleidade de unir
palavras para significarem alguma coisa.
A minha poesia é fruto do meu ócio e do meu tédio,
e desta necessidade de cantar o quotidiano interior.

Fiquei irritado com o sorriso que arvorei
quando ouvi as palavras de compreensão
do meu amigo. Já era tempo de receber
os outros com sisudez... Mas, não sei porquê,
não consigo suportar o sério: faz-me lembrar
a morte, o estagnado. E eu, pese a ninguém,
ainda caminho, ainda brinco, ainda suponho
que não estou a menos, ainda gosto de empalear
sobre o Gratuito e o Ser. Nasci mesmo
para cultivar a palavra, para discutir,
para reduzir a nada o que realmente é nada.
Sou um construtor.

O que disse até agora?
Que sou um solitário?
Isso é mentira.
Que sou um pobre diabo?
Isso é mentira.
Que ando entediado?
Isso é mentira.
Que não suporto o tempo?
Isso é mentira.

Tudo o que disse era mentira,
porque nada devia dizer.

O que não posso elidir é esta procura dos homens,
esta tentativa de regressar ao seio da amizade,
este desejo de começar a pensar em termos de *nós*.
Por isso sou tão contemporizador, tão benevolente,
incapaz de culpar os homens de alguma acção.
Mas talvez o meu comportamento esteja errado.
Quem sabe se acusando-os não seria melhor
recebido, por uma razão que desconheço?
É que acusar, disseram-me, é próprio do homem,
e eu deveria em tudo proceder como os outros.

Descobri em poucos dias, no fim da adolescência,
que vivia mais dos outros do que de mim próprio.

Eu pensava o que os outros pensavam,
eu sofria o que os outros sofriam,
eu sentia o que os outros sentiam.
Depois, a queda...o abismo...a distância...
E tão longe dos homens nunca estive por cima...
Isolado...isolado...mas ao mesmo nível.
Vi os homens caminharem nas ruas, vi-os unirem-se,
vi-os a construírem o universo, e eu...de fora...
Agora não faço mais do que tentar voltar,
regressar aos homens, comungar com os homens
o amor.

Levantou-se e exclamou:

«Eis o homem que vai ser julgado.

Ele pertence-vos, ele é vosso, vós sois os Acasos,
ele é o acusado de vos ter abandonado.»

O povo resfolegou. Um clamor de gritos e vitupérios
escancarou a praça aquecida pelo suor e pelo ânimo.
Ele, o réu, estava sentado, expectante nas evoluções
da turbamulta, sereno como uma rocha nas praias
da Normandia, esperando que a sentença fosse
o mais possível breve e justa.

O Acusador deixou serenar a multidão,

apontou o sol e disse entre berros:

«Antes de o maior astro, que todos os dias
nos cumprimenta, desaparecer para o incógnito,
espero que vós, povo, tenhais já deliberado da sorte
deste homem. Mas primeiro, e para vos elucidar,
vou dizer concretamente de que é acusado.»

«Nasceu quando os homens andavam cambaleantes
da última guerra, construíamos as cidades
e sulcávamos novamente os campos, as cinzas pouco
a pouco deixavam o seu rosto nauseabundo
para rebrilharem nas novas casas dos novos homens
que tiveram a ousadia de escaparem ao morticínio.
Cresceu com o mundo que estava a ser arquitectado,
viu das ruínas humanas o esplendor das próteses,
teve oportunidade de assistir ao destemor
de uma esperança. Mas quando atingiu a puberdade,
por orgulho, sentiu-se isolado, e foi viver só

para a casa onde tinha nascido, no seio dos familiares
e dos amigos, mentindo com a sua presença,
porque efectivamente ele estava bem longe do Homem.
Começou como o mais vil dos animais inferiores
a construção de um complexo execrando,
o da superioridade, e nunca mais até hoje mudou
essa divisa inumana. Mas não era cruel nem detestado
pelos outros seus conhecidos porque disfarçava
em si esse ódio a todos os homens por que agora
está a ser julgado. Abandonou os homens!
Que maior crime conheceis que o da traição?
Que maior patifaria pode um ser praticar? Nenhuma!
E as palavras blandiciosas que expelia aos outros
eram falsas, os risos que exalava no convívio
com os outros eram espúrios, a vida que vivia
no seio de um micromundo que devia ser o seu
era enganadora e ascorosa. Nunca matou nem roubou.
Mas o que é isso diante dessa fuga? Nunca exerceu
servícias em homens ou crianças. Mas o que é isso
frente ao orgulho desmedido de se pensar superior?
Povo, em vosso nome e para vosso bem,
eu peço a morte deste canalha, para que tudo volte
à normalidade de sempre. Este homem teve
a triste ideia de desequilibrar o universo, deve
por isso perecer: eu desejo a sua morte!»

O povo ficou estático com estas palavras fervorosas
que continham a insídia de quem se vê amesquinhado.
Não tinham percebido nada do que o Acusador dissera,
e esperavam que alguma coisa sucedesse para a resolução
de um problema de que estavam alheados.
Mas o Acusador percebeu a excitação da população

e continuou: «Quem está aqui não tem escrúpulos de qualquer espécie, não acredita em nenhuma lei superior e onisciente, não tem valores morais que o impeçam de praticar crimes, está só porque quer, o que vai contra o nosso ideal de comunhão, e consegue sobreviver fechado em si. Eu desejo, para vosso bem, a morte deste homem. Ela é necessária para a ordenação da nossa sociedade e para o nosso fim: o da fraternidade sem fronteiras.

O povo!

Nunca tive uma ideia falsa sobre o povo.

Sei quanto sofre e quanto luta.

E sei o que lhe fazem para o impedir
de abrir os olhos.

Que o povo está a ser explorado?!

Quem disse o contrário?

Eu vejo-o no campo e nas fábricas,
conheço alguns homens do povo,
e nunca disse que mereciam a vida que têm.

Mas para captar o espírito do povo
é preciso sacrifício e coragem,
e uma propensão para a sondagem.

Mas eu que nunca digo nada de mim,
que pouco sei de mim, que posso fazer
pelo povo senão não fazer nada?

Os meus colegas da escola, perdidos
pelas circunstâncias, vou-os encontrar
agora na inspecção militar.
Terei aquele mínimo de audácia
para conversar com eles,
ou para perguntar o que fazem
e onde vivem? Mas as minhas palavras,
vindas de um estudante, estão
condenadas a transparecerem
um paternalismo: este fosso
que as classes sulcaram entre nós!

Amigo do povo?
Mas quem não é amigo do povo?
Não tenho temperamento de tirano
ou de ditador, tomara eu
que os problemas sociais se resolvessem
para poder ficar em casa
a construir o meu fim.

Não, estão enganados, eu não sou
contra o povo, não sou contra a política
ou contra os problemas sociais,
mas que querem se não gosto
de discursos, se a política me aborrece
sobremaneira, se os problemas
sociais nos livros especializados
são monótonos como a minha vida?

É preciso modificar este país?! Vamos a isso.
Mas não me peçam para escrever sobre
uma cabala. Eu seria mentiroso porque faria
uma coisa de que não gosto e eu queria
não me prostituir com sacrifícios. Tu que és
poeta e sentes com acuidade o povo,
que saíste das entranhas dos feudos
e das glebas, canta com raiva a tua revolta
e a tua esperança. Oh, como vós sois jovens
e ingénuos! Mas eu com dezanove anos
já era um velho, e os meus desígnios são outros,
tão importantes ou banais como os vossos.

Eu li poesia combativa,
li matematicamente os versos anelantes,

li as palavras que pareciam juntar os pobres,
li frases sobre a Pátria e o amor aos homens,
mas elas nada me disseram do que eu procuro,
são verdadeiras porque são por vós sentidas,
mas eu sinto-me de fora de tudo isso.

Vós acusais o meu sentir!
Não posso fazer mais nada por vós.
Quando quiserdes, invadi o meu quarto
e esventrai esta minha complacência
pelos vossos actos.

Vi. Eu vi. Eu vi seguramente. Era tarde de inverno. Estava frio. Eu vi. No terreiro. Ou no parque. Ou na rua. Ou no jardim. Uma mulher. Uma mulher de verde. Uma mulher de um verde esquisito. Num banco. Sentada num banco. Só. Eu estava a duzentos metros. Ela não me viu. Não me via. Só. O frio no meu corpo. Só, fitando o horizonte. Pálida. Os cabelos loiros e... Pálida. Um vento frio sulcou a saia e mostrou as coxas. Fortes. Mas... Estava um pouco de sol através da fronde nua da árvore. E de repente fita-me. Eu estou a cem metros. De pé. De pé, parado. Tenho os olhos no rosto pálido da desconhecida. Viro a cabeça para o penedo. É um penedo escuro, com musgo. Cheio de água da última chuvada. O rocio nos sapatos cheios de areia. Ela continua a fitar-me. Está só. Eu estou só. Tem uma cor estranha. Pálida. Não. Não é pálida. Não sei dizer como é. Talvez... Só. Com o sapato faz um desenho na areia. Não percebo os garatujos. Mal definidos, espúrios, baços. Tem nos olhos o reflexo do inverno. Com toda a agudez. É bela. Tem um nariz grego. Não um nariz como nunca vi. Não fala. As mãos estão espedradas no banco, num arremesso de voo. Vitória, chamo-lhe sem voz. Vitória, como uma estátua grega que já vi numa foto. Vitória. Mas sobre quê? Tenho a impressão acidulada que estamos a ser espiados. Não sei porquê. Eu sou um homem. Tenho vinte anos. Ela é ainda jovem, está só. Nunca mais me ligou aquele mínimo de atenção que era de esperar de um momento como este. Mas estou habituado a tudo. Vitória tem uns sapatos castanhos e umas meias pretas. Os sapatos vi-os na melhor sapataria da cidade no sábado passado. É jovem. Está só. Eu estou em pé, só. São cinco da tarde. Não ouço nenhum carrilhão. Estou no jardim menos frequentado da cidade. E o mais feio. Tem duas alas circunspectas e gigantes com ramos despídos. O jardim está a atravessar uma fase crítica. É inverno. É tarde. Vitória olha para o meu corpo aborrecida. Está só. Eu aborreço-a. Eu estou

a preencher um vazio. Preciso de sair do perímetro da sua solidão. Cometi um crime. Um grave e cruento crime. Sou um criminoso. Incomodei e isso basta para justificar a hediondez da minha presença no mundo. O jardim. Está deserto. Estou a duzentos metros de Vitória. Já não a vejo. Uma árvore encobre-me o verde de Vitória. Cheguei a casa agastado, sucumbido. Mais uma vez perdi toda a dignidade que busco nas saídas à rua. Todos os dias perco. Todos os dias, quer ganhe ou perca, estou a mais. Não, não é isso. Estou só. Não, não é isso. Estou isolado. Não, não é isso. Estou. Estou em casa, na cidade, no país, no continente, na terra, no sistema solar, na galáxia. Tenho o peso de todas as coisas sobre mim. Asfixio. Não é verdade. Vivo. Estou em casa, o mundo lá fora, o mundo cá dentro. Em qualquer parte, o mundo. Sempre. Sempre. Sem uma mulher. Sem um homem. Só. Não é verdade. Eu vejo os outros, eu passo pelos outros, eu vegeto com os outros. Eu sou um sinal. Uma língua. Um corpo. Ei-lo: sou eu. A rapariga a que chamei Vitória porque me pareceu uma estátua grega, desapareceu. Fiquei só em minha casa. Suspeito de todos os ruídos, de todos os silêncios. Um silêncio completo. Um vazio. O meu coração. O meu coração. As veias. As estradas do meu corpo. O corpo. O coração. As veias e as artérias. Os borborigmos. Os peidos. Os insulados arrotos nidorosos. Ácido. Pirrose. Na cama, sobre os lençóis, o tecto. O frio. O frio e o frio. Um abalo, uma erupção. Um soerguer do corpo. A acalmia. A casa está deserta. O jardim estava deserto. É inverno nas ruas. É inverno. Chove, neva, faz frio. A lareira. Não. O fogo.

Vi. Vi com os meus olhos. Uma rapariga de verde. No jardim. Só. A árvore com o sol nos ramos. Eu em pé. Duzentos, cem metros. Incomodo. A casa. Vazia. O frio. O meu corpo e o ritual dos meus nervos. No peito esquerdo. Anquilose. Esclerose. Morte. Um sonho: Estou em casa com os olhos da minha mãe nos meus gestos. Ela está a coser. Eu estou sentado no colo da cadeira e digo: tudo está bem, tudo está bem. O sol mediterrânico veio ao atlântico médio visitar-me. É grande e flavo. Morte.

S. está no quarto. Sentado no bordo esquerdo da cama com a mão direita franzindo os lábios grossos. Fita a linha que separa a parede do soalho. Tem na cabeça uma toalha branca. Turbante. A camisa abre-se no peito semeado de pêlos ruivos e espessos. A cama tem a parte superior coalida à parede. Tem um metro de largura. S. levanta-se, rodopia a cabeça e dirige-se à secretária. Em pé, durante uns segundos, dedilha os dedos sobre a superfície envernizada. Depois senta-se. Sobre a secretária um calhamaço de capas azuis, um maço de folhas rabiscadas e uma lapiseira vermelha. O livro de umas oitocentas páginas tem uma rímula causada pela introdução de um lápis com cabeça negra. S. abre o livro na página vinte e sete. Lê os primeiros parágrafos e levanta os olhos para a janela defronte. Vê a vizinha. Começa a leitura da página seguinte. A mão esquerda sobre o livro num gaivotear imperceptível, a mão direita no sexo. Num repelão soergue-se, afasta-se da cadeira e dá uma volta ao quarto. Descobre no ângulo das duas paredes uma teia. Tem uma forma triangular. A aranha não é muito grande. Percebe-se uma diáfana ausência de esqueleto interno. Dá com a mão esquerda, ou melhor, com o dedo indicador da mão esquerda, um abanão. A rede começa a balançar vertiginosamente e continua no mesmo ritmo durante um minuto. Mas a aranha persiste no seu esconderijo. Tem umas patas desproporcionalmente grandes para o corpo. Está quieta fixando S.. Um ruído no quarto ao lado faz com que S. se sente na cama. Toma um livro da estante e abre-o ao acaso. Vê o relógio de pulso. Depois, deita-se na cama, fixando o tecto. Tem a mão direita abandonada ao longo do corpo, segurando muito frouxamente o livro. A mão esquerda ondeia sobre a face esquerda do leito, saindo para incursões de vazio e de abandono. A cabeça, enterrada na travesseira, marca como um desfiladeiro o meio da cama. No tecto, pendurado até um metro, a lâmpada não dá sinal de si. Está estática. A luz do dia ilu-

mina o quarto de maneira diversa. A região onde se encontra a cama usufrui o melhor pedaço de luz. Na estante, o amarelo da tarde torna os pintados de vermelho e de azul das tábuas num ambiente um tanto obscuro ou de cemitério. O silêncio interrompe-se uma vez por outra com os ruídos do outro quarto que fica separado pelo taipal de madeira prensada. Está lá um colega. S. coloca o dedo indicador da mão esquerda nos lábios e fecha os olhos. Fica assim durante quinze minutos. Depois, abre lentamente os olhos, esfrega-os com os dedos molhados em saliva e abre os braços num gesto desmedido. A cama deu de si e chiou de uma maneira aberrante. S. sai do leito e fica dois minutos a pesquisar a teia da aranha. Ainda está lá. Vai buscar a lapiseira que está sobre a secretária e começa a brincar com o bicho. Corta toda a sustentação de uma parede e deixa a teia inclinar-se até contactar com a outra parede. A aranha aproveita para abandonar o ninho e fugir pela parede acima. S. vai depressa buscar um sapato, dá um salto e mata o bicho. A carcaça cai no chão. Com os sapatos de agasalho esfrega os destroços da vítima. A vizinha da frente está à janela. S. senta-se à secretária e recomeça a leitura. Permanece com a cabeça inclinada durante cinco minutos. Uma vez por outra vira uma folha. Quando levanta o rosto a vizinha ainda está à janela. Olha para um carro que parou junto à porta. É branco com duas fitas azuis no dorso. S. puxa um lenço do bolso esquerdo das calças e limpa o rocio que atapeta a fronte e o nariz. Levanta-se e vai até ao armário. Abre a porta esquerda e dá uma vista de olhos pela roupa. Um fato cinzento, duas calças, três camisas de popelina branca, e a capa e batina. Fecha o armário e toma uma revista que se encontrava sobre a estante. Folheia enquanto coça as pernas com os dedos da mão esquerda. Senta-se na cama. A revista cai no chão. Faz um esforço de rins e levanta-a. Coloca-a de onde puxou. Fita a parede. Tem fotos de revistas coladas para camuflarem a brancura da cal. Mas algumas começaram a despegar e parecem as peles ressequidas de um sáurio. S. observa sobremaneira e evolução estática ou instantânea de uma

bailarina. Depois desce a vista para a foto recente de uma atriz de cinema. Por cima dessa foto, sobressai num fundo negro a face vetusta e enófila de Pessoa. Uma fuinha. Senta-se na cadeira, virado para a cama. Na parede em frente as reproduções de alguns quadros de Picasso, Lautrec, Goya, van Gogh, Braque, Modigliani e um nanquim de Anahory. S. estremece ao aperceber-se de um roxo numa tela de Picasso. Um roxo violento numa mulher esventrada pela análise da forma e das emoções. Num banco aproveitado de uma camionete velha, a caveira serrada transversalmente e alguns ossos dispersos da face: o maxilar direito superior, os ossos próprios do nariz. S. levanta-se e dá uma volta ao quarto. Faz o possível por não abandonar as paredes. Plasmado, ouve os ruídos que atravessam o tapume e lança-se sobre a cama. Fecha os olhos. Espera. Quando o silêncio retorna, levanta-se e vai espreitar pela janela. A vizinha não está no poiso habitual. S. deita-se na cama e fita a lâmpada. Fecha os olhos. Com os braços estreita o peito num amplexo sem dono. Pouco a pouco os braços perdem a vivacidade do começo e frouxam até ficarem abandonados ao longo do corpo.

- Gostas do sol?
- Nunca dei pelo sol.
- E do mar?
- É frio.
- Tens um amor?
- Tenho uma urgente necessidade de comer.
- Quando vais para casa o que fazes?
- Deito-me na cama e espero.
- O quê?
- Nada.
- Não brinques. Eu gostava de saber coisas sobre ti.
- Eu gostava de saber coisas sobre mim.
- Afinal gostávamos de saber a mesma coisa.
- Parece que sim.
- Tu estás cansado?
- Sempre cansado: sempre.
- Porquê?
- Não sei.
- Mas não sabes como?
- Não sei: sinto-me cansado.
- Fisicamente?
- Fisicamente.
- Por que não vais ao médico?
- Diz que nada tenho.
- Mas tu dizes que tens. Não se acreditam em ti?
- Não.
- Porquê?
- Não sei.

- Que pena não saberes. Eu gostava de saber.
- Eu gostava de não me sentir cansado.
- Sofres muito?
- Não sei o que é sofrer muito. Sofro.
- Como?
- Não sei explicar. Um mal-estar.
- Como quando se está com vómitos?
- Diferente.
- Como?
- Não sei explicar, não sei explicar.
- Tenho pena de ti.
- Tenho pena de não ser como os outros. Não nasci para sofrer. E sofro.
- Há pessoas assim. Dizem que...
- Esta agudeza.
- Tu sofres a vida. Eu gozo-a.
- Eu sou um doente. E estou cansado.
- Que pena não haver remédio para a tua doença!
- Nem médicos. É uma doença nova. Ou deve ser uma doença nova.
- Que posso fazer por ti?
- Deixares de fazer perguntas.
- Tu podes fazer as perguntas que quiseres sobre mim.
- Não desejo saber nada sobre ti.
- Não tens curiosidade?
- Não.
- O que é que tens?
- Este cansaço.
- Mais nada?
- Mais nada.
- E sobrevives?

- Sobrevivo.
- Como?
- Não sei.

– Senhores e senhoras: eu sou ou pretendo ser, se isso não vos repugnar, um homem. Menti. Eu sou e não pretendo. Pretender é uma vesânia dos ingênuos e dos homens terra a terra. Homens terra a terra são os que diante de uma estrela não têm a necessidade de perguntar por que são e por que estão. Eu não sou um homem desses. Peço a todos desculpa, mas sem grande convicção: não sou bajulador nem hipócrita. E com isto não estou a estabelecer um juízo de valor. Estou simplesmente a dizer a verdade. Ora a verdade não existe. Já alguém o disse, não faço mais que o repetir. Existem quanto muito algumas verdades caseiras e que servem muito bem para conseguirmos sobreviver. São as verdades fundamentais.

Estou aqui, diante de vós, para falar da vida: ao mesmo tempo estou a viver. Mas sobre quê pode hoje o homem falar, sem cambadas de citações e anátemas que os antigos alijaram neste mundo? Vai ser difícil de dizer algo de verdadeiramente original. Mas como quem me escuta já está habituado ao meu palavreado, não vai sentir assim tanta falta da vocação ingénita para espantar os homens. Eu hoje gostaria de falar deste momento que estou a viver.

Estou sentado à secretária do meu quarto. Vivo numa república de coimbra, com mais onze catraios. Somos, se não se chateiam, estudantes. Eu pego pouco nos livros. Mas viver sem aqueles compromissos que aborrecem as existências dos comuns mortais facilita-me as horas que tenho de vida, o que justifica o ter escolhido, um tanto forçado por várias circunstâncias, a vida airada de estudante. Devo dizer, mau grado a minha cabulice, que não pretendo de maneira alguma esconder, que a vida de um estudante dito consciencioso é sumamente difícil. Eu sei porque vejo e compartilho epidermicamente essa luta quase diária a acometer livros e caprichos de mestres. Mas eu não gosto de estudar. Por vários motivos. Primeiro, porque na essência do estudo está o traba-

lho, e eu não gosto lá muito de trabalhar. Segundo, porque para lá desse trabalho que o é, não me é indicado por predisposições biológicas e hereditárias. Não saio aos meus pais, e os meus progenitores são bastante trabalhadores. Eu sei que podem ficar a pensar de mim que não passo de mais um parasita e que estou a precisar de uma boa porrada. Se a primeira afirmação é certa, a segunda foge de todo à verdade. Nunca através da tarefa paterna as minhas resoluções ou casmurrices foram vencidas. O meu problema, ao não querer infligir a minha liberdade, não tem solução. E esse sentimento de que sou um caso insolúvel leva-me a perguntar: o que faço aqui, na terra, junto aos homens? E descubro, um tanto ou quanto descoroçoado, que a minha existência é não só desnecessária como incomodativa ou extemporânea.

Que os meus pais se sintam sem saber o que fazer deste filho, é compreensível. Mas o que dizer de mim frente aos meus pais? E é desta angústia comezinha que os meus dias são concretamente empestados. Não quero a compaixão de ninguém: queria muito simplesmente não ter nascido. Os meus pais são os culpados recentes do meu abortivo vir ao mundo. Mas os culpados remotos são os homens e as suas instituições. Se a humanidade não tivesse a triste ideia de buscar um elo ininterrupto de gerações, não sei bem para quê, visto que todos ou quase todos estamos de acordo de que esta vida é uma miséria, eu não seria agora um ser revoltado contra o meu próprio nascimento. De tudo isto eu só vejo uma coisa: acho-me com o direito de exigir à sociedade o indispensável para que a minha vida decorra sem grandes convulsões monetárias, e se possível com aquele mínimo de conforto que se estipulou compatível com a integridade da natureza humana.

Ora vós sois a sociedade onde eu viajo. Sois vós pois que tendes os cordelinhos da minha existência e sois vós que tereis de resolver o meu caso. A minha vida está, assim, nas vossas mãos.

O meu ócio não é privilégio de alguns: é uma função que mais nin-

guém saberia exercer tão bem. Tendes apenas, e não ultrapassando aqueles limites da minha liberdade, a faculdade de poderdes extrair da minha inacção um proveito estipulado pelas vossas leis. Isto é, a vossa inteligente maneira de vencer o impasse está em fazer das tripas coração, e procurar desviar a ideia que tendes sobre os vadios para outra esfera, sem a qual a minha presença será um verdadeiro cancro na vossa comunidade.

Eu sei que se todos fossem como eu o mundo estaria perdido. Mas não é isso o que eu quero? Já pensaram quanto é estúpido estarmos a protelar a nossa vida nos nossos filhos, e a fazermos da História o papão das nossas consciências? Por que não acabarmos com o Homem? Por que não acabarmos com o que de negativo existe em nós? E vocês já se aperceberam que a nossa cobardia vai ao ponto extremo e ridículo de criar mitos e fés para justificar a nossa facticidade?

Não vos massacre mais. Mas espero que mediteis com um certo interesse na minha proposta para a salvação do Homem.

Quando o velho escritor pressentiu que a morte se aproximava implacavelmente, chamou o jovem escritor seu admirador e disse: vou morrer. A minha obra, como tu sabes, não tem ainda a projecção merecida pelo que significa de novo e de descoberta do homem. Eu já não tenho tempo para a divulgar aos homens. Por isso te peço, sabendo da tua ingente admiração pelo que fiz durante toda a minha vida, com suor e trabalho árduo, que mostres aos leitores as nuances e as imponderáveis virtualidades das palavras que architectei.

Não era necessário exigir-me uma coisa dessas – respondeu o jovem escritor – , eu sei quanto de insensatez têm os homens para desprezarem o que é bom, embora difícil. Mas por sincero amor à sua obra, farei tudo o que puder para dignificá-la e apresentá-la ao público.

O velho escritor morreu. O jovem escritor compreendeu que, para mostrar de uma forma completíssima e crítica as palavras que na obra do seu mestre tanto o extasiavam, na medida em que tanto diziam do homem, teria de estudar e ler largamente durante uns anos. Assim, em dez anos devorou a filosofia antiga e a moderna, os trabalhos críticos da literatura universal, os ensaios sobre todos os aspectos da arte de escrever, a língua em que o mestre se exprimiu, as conexões com outros ramos do saber.

Com a bagagem de todos esses anos de trabalho, encetou pela segunda vez a leitura do que há dez anos o empolgou. Mas à medida que a obra ia sendo cuidadosamente devorada, um mal-estar e uma preguiça apoderavam-se do jovem escritor mau grado toda a admiração que ainda sentia pelo mestre desaparecido. Mas por fim, compreendeu, um tanto surpreendido, que aquelas palavras já nada lhe diziam e que não significavam nada na sua vida actual. Estava a esforçar-se para levar a cabo um trabalho que no fundo detestava. Resolveu não apresentar o estudo completo das obras do velho escritor. Mas depois pensou que nunca tinha assistido na sua vida a

um escrúpulo dessa natureza, e que era um facto o estar sempre à margem de qualquer moralidade. Entre fazer e não fazer o estudo revelador de um talento que já não apreciava, gastou um ano de insónias e de aborrecimentos. Finalmente decidiu que não concluiria o estudo. Que a promessa feita ao falecido não seria suficiente para se masturbar com uma execrável obra que não o seduzia.

Percebeu contudo que a sua acção foi profundamente moral, e que a moralidade não se situa nas construções teóricas mas exprime-se nas acções do quotidiano.

- O que estás a fazer?
- Nada. Olho o tecto, a lâmpada, as paredes e os quadros.
- Incomodo?
- Incomodas.
- Queres que saia do quarto?
- Quero que faças o que te apetece. Não te importes comigo.
- Queria falar contigo. Sobre nada. Sobre ti. Sobre mim. Gosto de ti.
- Fala. Diz o que quiseses. Eu respondo.
- És sempre assim?
- Assim como?
- Tão estático, tão disponível, levemente aborrecido?
- Sou algumas vezes assim. Pela primeira vez sou assim. Nunca tinha sido assim antes.
- Mudas? Transformas-te? Evoluis?
- Passo. Envelheço. Como o tempo. Não evoluo. Acaso pensas que atingirei a perfeição?
- Tu gostas?...
- De tudo. Mas posso passar sem nada. Sobrevivo a todos os hábitos. Não quer dizer superioridade. É simplesmente assim.
- O que gostarias de ser?
- Já sou.
- O quê?
- Isto que tu vês. Esta voz que ouves. Este objecto que eu sou para a tua percepção.
- Falava de uma profissão.
- Nenhuma é digna de mim. Nasci para o que escolhi. Optei pela preguiça.
- E o sobreviver?

- Terei que me prostituir. Talvez tu queiras trabalhar para me sustentares...
- Por que não? Amo-te. Gosto das tuas palavras.
- Não sou só palavras. Tenho um corpo. Tenho um espírito. Tenho um temperamento.
- As tuas palavras catalisam tudo o mais.
- É possível.
- Tu gostas de mim?
- Não me metes nojo. É agradável ver-te, ouvir a tua voz, detectar a ingenuidade das tuas perguntas. Tens uns cabelos redondos, uns dentes finos, uma cutis sedosa. Não és estúpida. Gostas de mim.
- Sim. Gosto de ti. Estar junto de ti é bom. Mais nada. Nunca me tocaste. Tenho medo de te ferir com o meu atrevimento. A nossa ligação não é perfeitamente normal.
- Nada do que se passa comigo é normal. Sou único, não te esqueças.
- Conheci outros homens. Já te disse. Mas não cheguei a suplantar a atracção física. Gostava de certas particularidades dos seus corpos, mas depois do delírio da posse, esvaía-se em mim um não sei o quê. Como vai ser contigo?
- Talvez o contrário. Não sou bom fodilhão. Para dizer a verdade nunca fiz amor. Nunca encontrei uma mulher que quisesse fazer amor comigo. Nunca. Também nunca procurei. Não gosto de desequilibrar as coisas, nem de forçar a minha vida. Seria demasiado penoso e árduo. Tu vieste, estás aqui. Nada fizeste para me possuíres. Disseram-te sempre que são os homens a possuírem.
- Nunca me tocaste. Tinha medo de não te atrair, de não exercer sobre a tua ataraxia aquele mínimo de impressão que te levasse ao ataque. Não sei se é assim que devo dizer. A vida com os outros prostituiu-me. Sinto remorsos de me ter entregado futilmente.
- Isso não tem importância. O importante é que estás aqui. Quando quiseres desaparecer ou seguir a tua vida, não avises. A tua presença

não é mais que a aparição livre aconselhada pela tua vontade. Não te julgues minha e eu teu. Ou julga, isso não interessa grandemente.

– Dás-me um beijo?

– Não me apetece. Costumo fazer só o que me apetece. Para te satisfazer tinha que me prostituir. Por isso é difícil viver em conjunto.

– Eu espero. Tenho a liberdade de ser tua escrava.

– Não quero isso de ti. Quero uma repartição de sacrifícios. Mas beijar-te, agora, seria demasiado doloroso. Terias que te colocar sobre mim e eu quero sentir-me debaixo do ar, entre a cama e o tecto, sem mais ninguém. Estou a gozar este momento.

– Porquê?

– Por nada. Porque faço um esforço para sentir um certo gozo deste momento. Muito do meu sentir é voluntário e concitado. Caso contrário a vida seria muito pobre.

– O que pensas de mim?

– Nada. Comprovo a tua existência. Estás ao meu lado.

Vou fazer o possível por não falar de mim.
Vou cantar as árvores e os pássaros e os homens
sem imiscuir um só resquício da minha personalidade.

Em dia de sol, no ar uma dor escusa e proterva,
com a terra a ressumar pelos interstícios de carvão,
seguindo a indolência melancólica de um cão,
está o poeta que ainda não escreveu uma só poesia.
Calcorreando as ruas sujas e esquálidas da cidade,
sem papel nem ideias, com um olhar primaveril
de quem vê, fixando os momentos de trânsito
babélico e superiormente ordenado, esgueirando-se
em sibilantes requebros pela multidão diária,
só como todos os dias, sem casa onde o sono
é descanso e o trabalho a face espúria da rotina,
vagueando desde o início do dia, com uma direcção
que o Acaso lhe ditou sem inspiração, sorvendo
na atmosfera de caliza e de estreme calor estival
o desânimo de quem sabe que não achará guarida
sofrível, sem amigos onde esconder a desordem
do mundo reflectido nos olhos, desconhecido
de todos os passos que silvam em redor, espantado
com a organização dos jardins e das carreiras
de camionetas, filho de outra região, com a escória
de uma tradicional educação, sem ao certo saber
quem é e por que está parando diante das vitrinas
para se aperceber do vulto que ele é, com o carinho
dos perfumes das mulheres que saracoteiam entre
o asfalto e os frontispícios, com um fato cosido
com recordações de passado e de suor, sem vintém

como um pobre de um livro miserabilista, sem aquela madeixa que caracteriza esporadicamente os Chulos, com um silêncio de quem compreende que a situação não poderia ser pior, visualizando no cocuruto da imaginação um palácio inexistente, fruto dos preconceitos enraizados no outro século de odor misterioso, quando os espartilhos e as perucas faziam moda e ocasionavam duelos onde os homens exteriorizavam uma masculinidade risível, senhor súbito de uma fortuna de disponibilidade sem metal sonoro, com as predisposições com que nasceu germinando superfluamente, este homem cedo descobriu que o sonho não resolvia a vida e que a imaginação era o apanágio vergonhoso do ócio-ócio e que ele não sabia fazer mais do que este nada que é sempre alguma coisa.

Se o amor realmente existe como consta por aí, amor-mulher ou amor-ideia, como num filme de Resnais onde o silêncio intervala com o insólito de uma reiteração que não é mais que a vida do quotidiano, onde as palavras voam de encontro ao mundo e refluem miseravelmente, para retornarem em espasmódicos lances teatrais a carreira da comunicação, que alguns homens dizem que não existe e que outros juram que sim, em prélios onde o essencial desaparece para dar lugar ao arroteo invectivo, essa forma demasiado humana para se estiolar com os tempos, que os tempos não trazem mais que novas gerações de homens,

nem novos nem velhos, de um tempo
simplesmente mais recente ... mas os antigos
se soubessem que não serviram para nada
ficariam estarecidos e provavelmente
exterminariam o homem, que não serve
para nada, salvo para se consolar mutuamente,
dizendo: eu amo-te, eu amo-te, eu amo-te.

Nesse dia de sol vituperino, com as palavras
enganchadas no hélio, quando o jovem caminhou
na balbúrdia da cidade dos mil e tantos homens,
sem ninguém que o ajudasse verdadeiramente,
mais um anónimo no redemoinho do tempo
com sereias nos sonhos da infância, com aquela
adolescência parecida com todas as Adolescências,
com as palavras que julga essenciais para o porvir,
todos os conselhos dos velhos prestes a morrer,
caquéticos sem a coragem de consentirem a vida
de um homem puro e ingénuo, novos deuses
onde a morte pontifica a crueldade inequívoca
do tempo, esse homem que hoje terá trinta
ou cinquenta anos, talvez casado, talvez pai,
com uma casa e um breviário de inutilidades,
fez desse dia de mito e desespero lúdico o centro
da sua vida, e ainda hoje, infinito ou parainfinito,
não se arrependeu. A vida só se compreende
quando se quer compreender.

- Estou cansado.
- Que tenho eu a ver com isso?
- Pensei que te importasses comigo.
- Estás enganado. Tu não precisas de mim para nada. Estás cansado, e depois?
- Achas normal?
- Sei lá o que é normal!
- Mas eu estou sempre cansado.
- Quando se está sempre alguma coisa deixa-se de estar. Esquece-se.
- Não são dores o que sinto. Um cansaço, tu sabes como isso é?
- Sei. E que importância tem isso?
- Nenhuma, tens razão.
- De que tenho eu razão?
- Do desinteresse do meu cansaço.
- E por que tenho razão?
- Porque não é nada contigo. Só comigo. Não achas que é assim?
- Talvez. Mas na realidade também eu estou cansado. O sono não basta.
- Estaremos todos cansados? Todo o mundo?
- Não sei. Que importância tem isso?
- Para sabermos se era um facto histórico.
- E que ganhavas com isso?
- Nada, é certo. Mas...
- Mas o quê?
- Seria melhor saber que toda a humanidade estava cansada. Sentir-me-ia diferente, acompanhado, partícula de um todo. Assim sinto-me só.

- Que bom poder-se sentir alguma coisa... Mas como? Como? Eu não sinto nada. O meu cansaço é evidente, não é uma impressão ou um sentimento.
- Mas então tu estás morto!
- É falso. Tu não vês que como, cago, faço precisamente o que os outros fazem. É isso a vida. Que querias que fosse mais?
- Não sei. Habituarão-nos a contar com mais alguma coisa...
- Reles educação. Só mitos, só mitos. Covardes, com medo da realidade.
- Mas o que é a realidade?
- Lá vens tu com problemas estúpidos: sou eu, eu é que sou a realidade.
- Não sei. Sinto-me cansado. Vinte e quatro horas por dia é demais. O mundo a entrar para dentro, ininterrupto, vingador, verrumando a sensibilidade...
- Aguenta ou mata-te. Queres que te mate?
- Ainda não, mais tarde, um pouco mais tarde...
- A esperança, essa merda, que estúpidos que somos, sempre à espera... de quê? Imbecis, somos uns imbecis. Mas a culpa não foi nossa. Os nossos pais a servirem-se de nós, para se justificarem com a nossa presença no mundo, covardes.
- Fazer filhos! Que vesânia! Quando acabamos com os homens? Quando?
- Gerações umas atrás de outras... e encargos, misérias, círculo vicioso.
- Um apocalipse, precisávamos de um apocalipse, um holocausto em honra do Nada.
- Estou cansado.
- Estamos cansados.
- A vida incomoda-me, exaspera-me, obriga-me a constantes atenções. Estar acordado doze horas, que loucura! É asfíxiante...

- Mas os homens não dão por isso...
- Nós não somos homens. Nós somos... uma merda, para quê perder tempo com metafísica?
- Metafísica?! O que é isso? Metafísica!
- É uma tentativa de nos esquecermos julgando que estamos centrados no seio da angústia. Uma mentira. Como os homens são mentirosos! Porcos!
- Estou cansado. De quê? De nada, é isso, de nada. Se ao menos fosse um cansaço físico, palpável, com razões, efeito de qualquer coisa, mas não, só o viver já é suficiente para provocar o cansaço.
- Não temos solução.
- A morte.
- Impossível. A morte não existe. Mais um mito. Existem mortos. Cadáveres.
- O nada.
- Sem nos apercebermos da sua presença. Triste.
- Estou cansado. Viver! Que tolice! E as preocupações de uma sobrevivência?
- Trabalhar – que tolice, que estupidez.